



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS CLÓVIS MOURA
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS



LÍGIA INÊS DA SILVA NASCIMENTO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO NEGRO EM “O AVESSO DA PELE”, DE
JEFERSON TENÓRIO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA**

TERESINA
2025

LÍGIA INÊS DA SILVA NASCIMENTO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO NEGRO EM “O AVESSO DA PELE”, DE
JEFERSON TENÓRIO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Português da Universidade Estadual do Piauí –
Campus Clóvis Moura, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado em Letras
Português.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Isídio de Sousa

TERESINA
2025

LÍGIA INÊS DA SILVA NASCIMENTO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO NEGRO EM “O AVESSE DA PELE”, DE
JEFERSON TENÓRIO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Português da Universidade Estadual do Piauí –
Campus Clóvis Moura, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado em Letras
Português.

Aprovada em: 10/ 03/ 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raimundo Isídio de Sousa
Presidente

Profa. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva – UFNT
1º Examinador

Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho – UESPI
2º Examinador

N244c Nascimento, Lígia Inês da Silva.

A construção da identidade do negro em "o avesso da pele" de,
Jeferson Tenório: uma análise semiótica / Lígia Inês da Silva
Nascimento. - 2025.

78f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí -
UESPI, Licenciatura Plena em Letras Português, Campus Clóvis
Moura, Teresina-PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Raimundo Isídio de Sousa".

1. Semiótica discursiva. 2. Preconceito. 3. Racismo. 4.
Violência. 5. Identidade do negro. I. Sousa, Raimundo Isídio de .
II. Título.

CDD 469

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me permitido sonhar e ter me dado os instrumentos necessários para realizar este sonho e, principalmente, por nunca ter me deixado sozinha no decorrer dessa caminhada.

Aos meus pais, Edilson e Francisca, pelo seu cuidado e amor que, por vezes, abdicaram de tantas coisas e até mesmo dos próprios sonhos para que eu e meus irmãos pudéssemos ter uma vida melhor.

Aos meus irmãos, Liza Inês e Luan, por serem meu alicerce e por me mostrarem que o amor e a alegria surgem e se fortalecem nos dias difíceis.

Aos amigos que fiz ao longo deste curso, em especial, a Grazielle, a Bianne e a Josnayra, por me escutarem com paciência e por arrancarem os meus melhores sorrisos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Raimundo Isídio, por ter me apresentado os estudos da semiótica discursiva e por ter compartilhado o seu saber, fazendo com que eu me tornasse um sujeito atualizado e, agora, realizado.

“Tudo posso naquele que me fortalece”.

(Filipenses 4.13)

RESUMO

A literatura tem sido uma ferramenta fundamental para a construção e ressignificação da identidade do negro, especialmente no Brasil, onde o racismo e o preconceito impõem desafios à população negra. Nesse contexto, a presente pesquisa tem por objetivo investigar a construção da identidade do negro na obra “O Averso da pele”, de Jeferson Tenório. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo como suporte teórico-metodológico a Semiótica Discursiva Francesa, com base em Greimas e Courtés (1979, 2008, 2016 e 2020), Barros (2002, 2005 e 2019), Discini (2003) e Fiorin (1995, 2005, 2008 e 2018), entre outros autores. Dentre os principais resultados, depreendem-se as oposições semânticas fundamentais que estão representadas pelos pares /opressão/ versus /liberdade/, primordial para a construção da imagem do negro, ressaltando o racismo, o preconceito e a violência, bem como pela /identidade/ versus /alteridade/, tematizando a relação entre o branco, que ocupa lugar de prestígio e poder na sociedade, e o negro, que tem um papel inferiorizado e oprimido. O negro está constituído pelos princípios modais do querer e dever-fazer ser aceito na sociedade. Inicialmente, ao ser sancionado negativamente pelo “outro”, Henrique aceita que não possui o poder e o saber-fazer, temendo novas sanções. No entanto, ao reconhecer que, por meio do saber, poderia não só ser aceito como também transformar a situação de outras pessoas, Henrique passa a exercer o querer, o dever, o saber e o poder fazer. A obra assim aponta tanto para um devir quanto para um sobrevir ao apresentar a possibilidade de ruptura com as estruturas de opressão, mostrando que a identidade está marcada pela resistência e pela luta por liberdade e aceitação. Em termos discursivos, a práxis enunciativa convoca marcas socioideológicas que mostram uma visão de sociedade em relação ao negro, conforme o seu papel, o lugar e o modo de ser e de estar no mundo, construindo uma imagem estereotipada e desumanizada. Ademais, por meio da ancestralidade cultural, o negro apresenta sua força, que o inspira e o leva a um querer lutar, de forma coletiva, pelos objetos-valores dignidade e aceitação na sociedade.

Palavras-chave: semiótica discursiva; preconceito; racismo; violência; identidade do negro.

ABSTRACT

Literature has been a fundamental tool for the construction and redefinition of black identity, especially in Brazil, where racism and prejudice impose challenges on the black population. In this context, this research aims to investigate the construction of black identity in the work "O Averso da pele", by Jeferson Tenório. This is a qualitative research, with French Discursive Semiotics as its theoretical-methodological support, based on Greimas and Courtés (1979, 2008, 2016 and 2020), Barros (2002, 2005 and 2019), Discini (2003) and Fiorin (1995, 2005, 2008 and 2018), among other authors. Among the main results, we can see the fundamental semantic oppositions that are represented by the pairs /oppression/ versus /freedom/, essential for the construction of the image of black people, highlighting racism, prejudice and violence, as well as /identity/ versus /otherness/, thematizing the relationship between white people, who occupy a place of prestige and power in society, and black people, who have an inferior and oppressed role. Black people are constituted by the modal principles of wanting and having to be accepted in society. Initially, upon being negatively sanctioned by the "other", Henrique accepts that he does not have the power and know-how, fearing new sanctions. However, by recognizing that, through knowledge, he could not only be accepted but also transform the situation of other people, Henrique begins to exercise his will, his duty, his knowledge and his ability to do. The work thus points to both a becoming and an eventuality by presenting the possibility of breaking with the structures of oppression, showing that identity is marked by resistance and the struggle for freedom and acceptance. In discursive terms, the enunciative praxis calls upon socio-ideological marks that show a vision of society in relation to black people, according to their role, place and way of being and existing in the world, constructing a stereotypical and dehumanized image. Furthermore, through cultural ancestry, black people present their strength, which inspires them and leads them to want to fight, collectively, for the objects-values of dignity and acceptance in society.

Keywords: discursive semiotics; prejudice; racism; violence; black identity.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
2 SEMIÓTICA DISCURSIVA FRANCESA: ALGUNS CONCEITOS	11
2.1 A Semiótica Discursiva.....	11
2.2 O percurso gerativo de sentido	12
2.2.1 Nível Fundamental	13
2.2.2 Nível Narrativo	16
2.2.3 Nível Discursivo	21
2.3 A identidade na semiótica discursiva.....	27
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	31
3.1 Tipos de Pesquisa.....	31
3.2 Conhecendo o <i>Corpus</i>	32
4 OS DESDOBRAMENTOS DO AVESSO.....	37
4.1 A construção da identidade do negro.....	37
4.1.1 O negro e as relações amorosas	53
4.1.2 O negro e a abordagem policial	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS.....	75

1 INTRODUÇÃO

A literatura afro-brasileira contemporânea desempenha um papel fundamental na propagação de narrativas que, por muito tempo, foram silenciadas e marginalizadas na sociedade. Por meio de romances, contos e poesias, autores negros têm buscado ressignificar a imagem do negro, trazendo à tona questões, como o racismo, o preconceito e a violência.

Nesse contexto, surge a obra “O Averso da Pele”, publicada em 2020, que retrata, com profundo detalhamento, a violência e o racismo sofridos por um professor negro da escola pública, assassinado na periferia de Porto Alegre – Rio Grande do Sul. Em 2022, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Ministério da Educação (MEC), aprovou e autorizou a utilização do livro em escolas de ensino médio. Mesmo vencedor do Prêmio Jabuti 2021, na categoria Romance Literário, o livro foi alvo de censura em algumas instituições de estados brasileiros.

Segundo a revista “Aventuras na História”, essa polêmica ocorreu no início de 2024, após Janaina Venzon, diretora da Escola Ernesto Alves, em Santa Cruz do Sul (RS), publicar em suas redes sociais um vídeo declarando “Lamentável o Governo Federal através do MEC adquirir esta obra literária e enviar para as escolas com vocabulários de tão baixo nível para serem trabalhados com estudantes do ensino médio” (Venzon, 2024).

Com a repercussão negativa, o livro foi recolhido das escolas pela 6ª Corregedoria Regional de Educação até um posicionamento do Governo Federal. De acordo com a revista “O Tempo”, o livro também foi retirado de instituições do estado do Paraná, Goiás e Mato Grosso do Sul. Em contrapartida, as vendas do livro aumentaram cerca de 6.000% em decorrência da grande repercussão do caso na mídia, conforme dados da BookInfo, divulgados pela revista “Veja”.

Em nota, a revista “Aventuras na História”, apresentou o pronunciamento do autor Jeferson Tenório feito em suas redes sociais, afirmando que a censura “É um ato que fere um dos pilares da democracia que é o direito à cultura e à educação” e que “nenhuma autoridade, seja ela diretora, secretário, vereador, deputado, governador ou presidente tem o poder de mandar recolher materiais pedagógicos de uma escola” (Tenório, 2024). A editora Companhia das Letras – responsável pela publicação do livro “O Averso da Pele”, também repudiou, no Instagram, qualquer ato

de censura, alegando que o livro “foi aprovado por uma banca de educadores, especialistas e mestres em literatura e língua portuguesa juntamente com outros 530 títulos”, além de “passar por aprovação da própria diretora” Janaína Venzon (Companhia das Letras, 2024).

Conforme o portal g1, a Secretária da Educação (SED), do Mato Grosso do Sul, informou que o livro “O Averso da Pele” passou por uma análise da equipe técnica e, em março do mesmo ano, entrou em “processo de devolução para as bibliotecas das unidades escolares da Rede Estadual de Ensino, com as orientações pedagógicas quanto à indicação de uso” (G1, 2024). Tais medidas foram adotadas em outros estados que aderiram à retirada do livro de escolas.

A censura sobre este livro gerou diversos debates sobre a liberdade de expressão, o acesso à cultura, a visão da sociedade sobre o negro, o modo como o racismo se materializa na sociedade, o papel da literatura na abordagem de questões sociais e a posição da escola no que se refere à mediação entre o conhecimento e a sociedade.

Diante disso, o presente trabalho busca abranger temas que ultrapassam os limites da cidade de Porto Alegre, palco da narrativa, posto que o povo negro ainda luta por espaço e visibilidade na sociedade. A obra apresenta debates sociais relevantes, despertando o interesse no público ao compartilhar, de certa forma, experiências que remetem à história de vida de muitos leitores. Nesse sentido, destacamos que apesar do crescimento de cerca de 3,2% entre os anos de 2012 a 2022, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, publicado pelo g1, a população negra ainda lidera os *rankings* de homicídios no Brasil, conforme pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em 2023.

A partir desse contexto, a pesquisa demonstra relevância por levantar as seguintes questões: como é construída a identidade do negro na obra “O Averso da Pele”, de Jeferson Tenório? Que valores emanam dessa construção? Como o negro é visto, percebido, sentido e axiologizado na obra? Com base nisso, o objetivo geral deste trabalho é investigar a construção da identidade do negro no livro “Averso da pele”, de Jeferson Tenório, à luz da Semiótica Discursiva Francesa. O estudo estabeleceu quatro objetivos específicos: identificar os temas e as figuras relacionadas à construção da identidade do negro na obra; analisar as relações enunciativas imbricadas na construção da identidade do negro e os efeitos de sentido;

descrever as relações de poder que estão inscritas na obra e que contribuem para a construção da identidade do negro; e identificar as oposições semânticas que circunscrevem as relações de base na obra.

A discussão e a análise da obra, por meio da Semiótica Discursiva Francesa, apresentam uma perspectiva moderna e relevante para os estudos semióticos e linguísticos que englobam a literatura negra contemporânea. Dos poucos trabalhos encontrados nas plataformas digitais, como por exemplo o Google Acadêmico, não foram encontrados estudos que analisassem a obra à luz da teoria semiótica, nem a exploração de temas específicos abordados no livro. Por isso, consideramos um estudo pioneiro.

No âmbito acadêmico, esta pesquisa busca fomentar e enriquecer as discussões entre a teoria Semiótica Francesa e o discurso literário, trazendo à luz ferramentas que são base para a análise e a compreensão do sentido. Além disso, trata-se de um estudo interdisciplinar, pois estabelece um diálogo entre a teoria semiótica – tendo por fundamento o Percurso Gerativo de Sentido, proposto pelo linguista Algirdas Julien Greimas – e a literatura negra, abordando autores como Munanga (1990), Davis (2023) e Prandi (2019). Este diálogo é fundamental para entender o processo de subalternização do negro, ou seja, compreender o processo histórico e social que coloca o negro em posição de inferioridade, marginalização e exclusão dentro das estruturas de poder da sociedade.

Para fins didáticos, este trabalho está estruturado em três seções, além da introdução e das considerações finais. A introdução apresenta o tema da pesquisa, a delimitação do problema, os objetivos e a justificativa do estudo. A segunda seção aborda os principais conceitos da Semiótica Discursiva Francesa, tendo como principais representantes: Greimas e Courtés (1979, 2008, 2016 e 2020), Barros (2002, 2005 e 2019), Discini (2003) e Fiorin (1995, 2005, 2008 e 2018), entre outros. Esta seção ainda apresenta um subitem sobre a Identidade na visão da semiótica, primordial para o desenvolvimento da pesquisa. A terceira seção refere-se aos aspectos metodológicos empregados no trabalho, e a quarta expõe as análises e os desdobramentos da pesquisa, promovendo um diálogo entre a teoria semiótica e a literatura negra. Por fim, as considerações finais sintetizam os resultados alcançados e as contribuições desta pesquisa.

2 SEMIÓTICA DISCURSIVA FRANCESA: ALGUNS CONCEITOS

Esta seção está subdividida em três itens: o primeiro trata da concepção da Semiótica Discursiva Francesa; o segundo explora o Percorso Gerativo de Sentido e os seus três níveis; e o terceiro aborda o conceito de Identidade na visão da Semiótica Discursiva, discussão essencial para compreender a construção da Identidade do negro a partir da obra “O Averso da Pele”, de Jeferson Tenório.

2.1 A Semiótica Discursiva

A Semiótica é uma disciplina que analisa os procedimentos de organização textual, bem como os processos enunciativos que auxiliam a produção e a interpretação de textos. Para Greimas, a Semiótica é:

- a) Gerativa, porque apresenta modelos que apreendem os níveis de invariância crescente do sentido de tal maneira que se percebe que diferentes elementos do nível de superfície podem significar a mesma coisa num nível mais profundo;
- b) Sintagmática, porque busca explicitar não as unidades lexicais que entram na construção de frases, mas na produção e na interpretação do discurso;
- c) Geral, porque tem como conjectura a unidade de sentido, manifestado por diversos planos de expressão, sendo um de cada vez ou vários ao mesmo tempo (Fiorin, 2008, p. 16).

A Semiótica Discursiva, ao tomar como objeto de estudo o texto, tem por objetivo “explicar ‘o que o texto diz’ e ‘como o diz’ [...], examinando os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto (Barros, 2005, p. 12). Para a autora, o texto pode ser concebido de duas formas: como objeto de significação, que tem por finalidade examinar os mecanismos e os procedimentos que estruturam o texto, ou como objeto de comunicação, que compreende o texto em seu uso mais comum, considerando o contexto sócio-histórico para lhe agregar sentido.

Na perspectiva de Fiorin (2008, p. 10), o texto pode ser abordado de dois pontos de vista complementares:

De um lado, podem-se analisar os mecanismos sintáticos e semânticos responsáveis pela produção do sentido; de outro, pode-se compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos.

Para analisar e explicar a relação desses procedimentos e mecanismos sintáticos e semânticos na produção de sentido, Greimas desenvolveu um modelo de análise de texto estruturado em três níveis, que são: o Fundamental, o Narrativo e o Discursivo. Esse modelo de análise, denominado de Percurso Gerativo de Sentido, visa contribuir para a produção e a interpretação de textos.

2.2 O percurso gerativo de sentido

O percurso gerativo de sentido, ou percurso gerativo da significação, “é uma representação dinâmica dessa produção de sentido; é a disposição ordenada das etapas sucessivas pelas quais passa a significação para se enriquecer” (Jean-Marie Floch, 2001, p. 15). Com base nessa definição, Saraiva (2017, p. 14) explica que este modelo de análise de produção de sentido busca

simular o processo de adensamento crescente do sentido, que vai de conteúdos estruturados simples e abstratamente, anteriores à sua expressão, até a complexidade e concretude do texto realmente manifestado numa dada linguagem ou num compósito de linguagens.

Quanto aos níveis do percurso gerativo de sentido, têm-se, no Nível Fundamental, que é o mais simples e abstrato, as oposições semânticas universais na produção da significação. No Nível Narrativo, ocorrem as transformações entre dois estados diferentes da narrativa. Fiorin (2008, p. 27) apresenta que um texto é considerado narrativa mínima quando ocorre apenas uma transformação, diferenciando o estado inicial do estado final. Por outro lado, as narrativas complexas são constituídas de transformações. Em uma sequência canônica, estas são concebidas como: manipulação, competência, performance e sanção. No Nível Discursivo, que é o mais concreto e complexo, há a instalação das categorias de pessoa, do tempo e do espaço, entre outros procedimentos discursivos e, por sua vez, tem por finalidade atribuir efeito de concretude às formas abstratas do nível narrativo.

Barros (2005) argumenta que o sentido do texto só é estabelecido e compreendido a partir das relações entre os níveis do percurso gerativo de sentido, mesmo que cada nível possa ser estudado e explicado por uma gramática autônoma, que leva em consideração fatores semânticos e sintáticos. A seguir, apresentaremos cada um dos níveis que compõem o Percurso Gerativo de Sentido.

2.2.1 Nível Fundamental

O nível fundamental, primeiro nível do percurso gerativo de sentido, abrange as categorias de oposição semântica, que são base para a produção e interpretação de sentido dos textos. Diante disso, Fiorin (2008) esclarece que os termos de uma categoria semântica devem apresentar algo em comum para que se enquadrem como oposições semânticas e, assim, possam estabelecer uma diferença como, por exemplo, /vida/ *versus* /morte/, /liberdade/ *versus* /opressão/, entre outros.

Para exemplificar, o autor apresenta a oposição /masculinidade/ *versus* /feminilidade/, circunscritos no domínio da /sexualidade/. Esses dois termos, denominados contrários, dependem um do outro para que, separadamente, tenham sentido. Impondo uma negação sobre cada um dos contrários, obtemos dois contraditórios /não masculinidade/ e /não feminilidade/ que, para não ser confundido com a oposição principal, são chamados de subcontrários. Fiorin (2008, p. 22) esclarece que,

Pode-se, num primeiro momento, pensar que não há necessidade de distinguir as relações de contrariedade das de contraditoriedade. É preciso, no entanto, verificar que os termos que estão em relação de contraditoriedade definem-se pela presença e ausência de um dado traço: /masculinidade/ *versus* /não masculinidade/. Os termos em relação de contrariedade possuem um conteúdo positivo cada um. Assim, a feminilidade não é a ausência de masculinidade, mas é uma marca semântica específica.

O autor também ressalta que, num dado texto, os termos da oposição podem aparecer reunidos. Em discursos religiosos, por exemplo, o termo *Jesus Cristo* nasce da reunião dos contrários /divindade/ *versus* /humanidade/, considerando-se um termo complexo. Já o termo *anjo* é classificado como neutro, por ser originado da reunião dos subcontrários /não divindade/ *versus* /não humanidade/.

A sintaxe do nível fundamental estabelece que as oposições abrangem dois processos: a afirmação e a negação. Uma categoria pode instituir duas relações: “a) afirmação de *a*, negação de *a*, afirmação de *b*; b) afirmação de *b*, negação de *b*, afirmação de *a*” (Fiorin, 2008, p. 23), ou seja, é necessário, primeiramente, afirmar o termo *a*; depois, negá-lo e, em seguida, afirmar o termo oposto *b*, e vice-versa.

Essas oposições podem ser observadas a partir do quadrado semiótico. Segundo Greimas e Courtés (1979, p. 364), o quadrado semiótico é

a representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer. A estrutura elementar da significação, quando definida – num primeiro momento – como uma relação entre ao menos dois termos, repousa

apenas sobre uma distinção de oposição que caracteriza o eixo paradigmático da linguagem: ela é, portanto, suficiente para constituir o paradigma composto de *n* termos, mas não permite por isso mesmo distinguir, no interior desse paradigma, categorias semânticas baseadas na isotopia ('o parentesco') dos traços distintivos que nele podem ser reconhecidos.

Essa representação visual estabelecida pelo quadrado semiótico permite a compreensão das estruturas fundamentais e das relações mínimas que se desenvolvem no texto. No quadrado a seguir, é possível visualizar o quadrado semiótico entre a oposição /masculino/ *versus* /feminino/.

Figura (1) - Quadrado semiótico /masculino/ *versus* /feminino/



Fonte: Floch (2001, p. 20).

Do quadrado semiótico acima, partindo do eixo semântico, depreendemos que:

- a) /masculino/ *versus* /feminino/ são dois contrários que estabelecem relação de contrariedade;
- b) /masculino/ *versus* /não masculino/ e /feminino/ *versus* /não feminino/ instituem relação de contradição;
- c) /masculino/ e /feminino/ formam o termo complexo /sexualidade/ que, dependendo do contexto, podem possuir valor positivo ou negativo;
- d) /não masculino/ e /não feminino/ constituem o termo neutro /não sexualidade/, que pode ser associado a /andrógeno/, pois ele surge da relação entre os subcontrários;
- e) /não masculino/ implica /feminino/; já /não feminino/ implica /masculino/.

Na sintaxe do nível fundamental, o quadrado apresenta:

- a) a afirmação do feminino, a negação do feminino e a afirmação do masculino;
- b) a afirmação do masculino, a negação do masculino e a afirmação do feminino.

Nos textos, os elementos de uma dada categoria recebem qualificação semântica, podendo manifestar valor positivo (euforia) ou valor negativo (disforia). Esses valores não são atribuídos pelo sistema axiológico do leitor, mas sim pelo autor implícito que organiza os elementos do texto atinentes à oposição semântica, buscando orientar a interpretação do leitor e determinar qual ponto deve ser defendido (Fiorin, 2008, p. 23), ou melhor, projeta um contrato de veridicção suscitado no texto. Na música “Naquela Mesa”¹, do compositor Sérgio Bittencourt, escrita em homenagem ao seu pai, Jacob do Bandolim, em que, por exemplo, o narrador utiliza-se da oposição /presença/ *versus* /ausência/ para discorrer sobre a saudade do pai. O segundo termo possui valor disfórico, pois como explica “*Naquela mesa tá faltando ele/ E a saudade dele tá doendo em mim*”, enquanto o primeiro termo é considerado eufórico, pois o narrador pode desfrutar da presença do pai.

Conforme Fiorin (2008, p. 24), a semântica e a sintaxe do nível fundamental, que constituem a primeira parte do percurso gerativo, são essenciais para a compreensão dos níveis mais simples e abstratos, pois acionam uma estrutura a partir

¹ Naquela mesa ele sentava sempre
 E me dizia sempre o que é viver melhor
 Naquela mesa ele contava histórias
 Que hoje na memória eu guardo e sei de cor
 Naquela mesa ele juntava gente
 E contava contente o que fez de manhã
 E nos seus olhos era tanto brilho
 Que mais que seu filho
 Eu fiquei seu fã
 Eu não sabia que doía tanto
 Uma mesa num canto, uma casa e um jardim
 Se eu soubesse o quanto dói a vida
 Essa dor tão doída, não doía assim
 Agora resta uma mesa na sala
 E hoje ninguém mais fala do seu bandolim
 Naquela mesa tá faltando ele
 E a saudade dele tá doendo em mim
 Naquela mesa tá faltando ele
 E a saudade dele tá doendo em mim

Fonte: MELLO, Sebastian Borges de Albuquerque. “Naquela Mesa”. A saudade de um filho (Sergio Bittencourt) após a morte do pai (Jacob do Bandolim). Música em Prosa. 26 jun. 2017. Disponível em: <https://musicaemprosa.com/2017/06/26/naquela-mesa-a-saudade-de-um-filho-sergio-bittencourt-apos-a-morte-do-pai-jacob-do-bandolim/>. Acesso em: 28 jul. 2024.

da qual são depreendidos os universais semânticos do texto e a relação sintática que permeia os termos do quadrado semiótico, que são tomados pelos sujeitos no nível narrativo como objeto-valor.

2.2.2 Nível Narrativo

Segundo Fiorin (2008), para compreender o nível narrativo, é importante reconhecer que nem todos os textos são narrativos, entretanto eles são revestidos pelo princípio da narratividade. Para Floch (2001, p. 22), a narratividade é

o encadeamento ordenado das situações e das ações (dos estados e das transformações) que atravessa tanto as frases quanto os parágrafos, tanto os planos quanto as sequências; é a versão dinamizada e “humanizada daquilo que se passa no nível profundo: as relações aí se tornam faltas ou perdas, aquisições ou ganhos; as transformações tornam-se performances; e os operadores destas transformações tornam-se sujeitos.

Em suma, a narratividade é a representação de uma sequência lógica na qual as transformações se desencadeiam ao longo do texto, possibilitando reconhecer as interações que ocorrem entre os sujeitos. Por meio dessas interações, a narrativa é construída e simula os contratos e os conflitos que o homem enfrenta na busca de valores e de sentido (Barros, 2005, p. 20). A autora também aponta que a narratividade parte de duas concepções: as transformações de estado, em que o sujeito age sobre os outros, podendo modificar o mundo ao seu redor; ou como sucessão de contratos e rupturas entre destinador e destinatário.

A sintaxe narrativa abriga dois tipos de enunciados elementares: o enunciado de estado e o enunciado de fazer. Fiorin (2008) apresenta que o primeiro tipo de enunciado corresponde à relação de junção entre o sujeito e o objeto. A junção é dividida em conjunção quando o sujeito está em harmonia com o objeto; e a disjunção, quando o sujeito se encontra em divergência com o objeto. Já o segundo tipo de enunciado manifesta as transformações e as mudanças de estado que o sujeito sofre em relação ao objeto dentro da narrativa. O enunciado de estado e o enunciado de fazer constituem o programa narrativo, estrutura elementar de organização (Barros, 2005, p. 23), base da sintaxe narrativa.

Os textos, para Fiorin (2008, p. 29),

não são narrativas mínimas. Ao contrário, são narrativas complexas, em que uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) estão organizados hierarquicamente. Uma narrativa complexa estrutura-se numa sequência canônica, que compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção.

A manipulação ocorre quando um sujeito age sobre outro(s) sujeito(s) da narrativa, de forma a levá-lo (s) a um querer e/ou dever fazer. Fiorin (2008) descreve quatro tipos comuns de manipulação, sendo eles: tentação, quando o sujeito manipulador oferece ao manipulado uma recompensa, ou seja, um objeto de valor positivo; intimidação, quando o manipulador, para conseguir o que almeja, ameaça tomar ou restringir o acesso a um objeto de valor para o manipulado; sedução, quando o manipulador emprega juízo positivo sobre a competência do manipulado; provocação, quando o manipulador manifesta juízo negativo a respeito da competência do manipulado.

Em suma, temos os seguintes tipos de manipulação:

Figura (2) – Os tipos de Manipulação

	competência do destinador-manipulador	alteração na competência do destinatário
PROVOCAÇÃO	SABER (imagem negativa do destinatário)	DEVER-FAZER
SEDUÇÃO	SABER (imagem positiva do destinatário)	QUERER-FAZER
INTIMIDAÇÃO	PODER (valores negativos)	DEVER-FAZER
TENTAÇÃO	PODER (valores positivos)	QUERER-FAZER

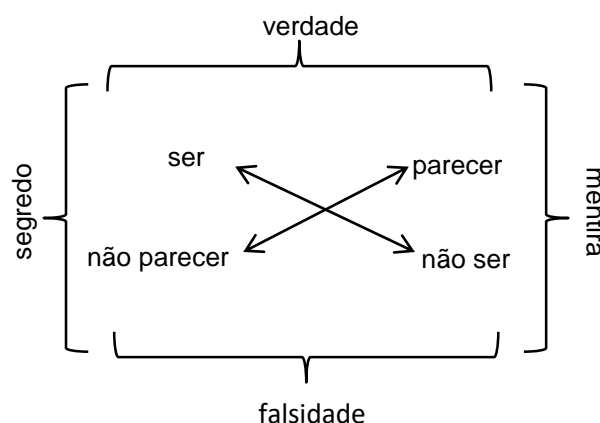
Fonte: Barros (2005, p. 35).

Na manipulação, o destinador/manipulador utiliza-se dessas estratégias para realizar um contrato com o destinatário/manipulado, por meio de um fazer-persuasivo ou fazer-crer, em que o outro desempenha um fazer-interpretativo para aceitar ou recusar o contrato. Essa manipulação só é considerada bem-sucedida quando “o sistema de valores em que ela está assentada for compartilhado pelo manipulador e pelo manipulado, quando houver uma certa cumplicidade entre eles” (Barros, 2005, p. 35).

Ainda segundo a autora, esse fazer-interpretativo do destinatário é tido como uma forma de modalizar as propostas do destinador/manipulador, nas quais estão imbuídas de um contrato veridictório. De acordo com Fiorin (2000, p. 176), “As modalidades veridictórias articulam-se como estrutura modal em “ser” *versus* “parecer” e aplicam-se à função-junção. Mostra-se que um enunciado “é” ou “parece

ser”. Por meio delas, é instaurado o estatuto veridictório dos estados no texto: a verdade, a falsidade, a mentira e o segredo. Para o autor, “Os enunciados modalizados veridictorialmente podem ser sobredeterminados pelas modalidades epistêmicas do *crer*: um sujeito crê que um estado parece verdadeiro ou é verdadeiro etc.” (ibidem, p. 176). A seguir, vê-se como as modalidades veridictórias estão distribuídas no quadrado semiótico.

Figura (3) – Quadrado semiótico das modalidades veridictórias:



Fonte: Greimas e Courtés (2020, p. 532).

Segundo Greimas e Courtés, o quadrado acima apresenta as marcas de veridicção, em que o enunciador/manipulador promove um *crer-verdadeiro* através do fazer-persuasivo, a fim de transmitir confiança para o enunciatário/manipulado. O enunciatário, por meio de um fazer-interpretativo, define o “*ser*” e o “*parecer*” do enunciador, podendo compreender como verdade, o que parece e é; a falsidade, o que não parece e não é; a mentira, o que parece e não é e o segredo, o que não parece e é. A partir dessa relação, é possível estabelecer um contrato entre ambas as partes.

Na fase da competência, o sujeito, estimulado por um querer e/ou dever fazer, assume a posição de um saber e/ou poder/fazer, realizando a transformação principal de narrativa. Com isso, considera-se que a competência é “o programa de doação de valores modais ao sujeito de estado, que se torna, com essa aquisição, capacitado para agir” (Barros, 2005, p. 29).

Essa transformação central da narrativa, ocasionada por um sujeito dotado de um saber e/ou poder/fazer (competência), é denominada de performance. Nessa etapa, o “sujeito que opera a transformação é o mesmo que entra em conjunção ou

disjunção com objetos que podem ser distintos ou idênticos” (Fiorin, 2018, p. 31), isso ocorre pelo fato de que os sujeitos ocupam diferentes papéis no decorrer da narrativa, podendo entrar em conjunção ou disjunção com o objeto-valor.

Na fase final, a sanção ocorre pela confirmação de que houve a transformação da narrativa (performance), na qual o destinatário busca persuadir o destinador de que cumpriu o contrato que havia estabelecido com o sujeito. Com isso, o destinador distribui recompensas ou punições, com base naquilo que julga ser no contrato firmado.

Fiorin (2008) destaca que alguns textos narrativos priorizam apenas uma das etapas e estas podem ou não ser concretizadas até o fim da narrativa. Além disso, as quatro fases “não se encadeiam numa sucessão temporal, mas em virtude de pressuposições lógicas” (Fiorin, 2008, p. 32), ou seja, como não seguem uma ordem específica ou como estão implícitas dentro de uma narrativa, essas etapas ficam pressupostas.

Tomando como suporte essas quatro fases, Barros (2005, p. 24) promove um modelo de programa narrativo (PN), elemento importante da sintaxe narrativa, estruturada da seguinte maneira:

Figura (4) – Modelo de Programa Narrativo

$$PN = F[S1 \rightarrow (S2 \cap Ov)]$$

F = função
 \rightarrow = transformação
 $S1$ = sujeito do fazer
 $S2$ = sujeito do estado
 \cap = conjunção
 Ov = objeto-valor

Fonte: Barros, 2005, p. 24.

Com esse modelo, a autora explica que o sujeito do fazer (S1) exerce influência sobre o sujeito de estado (S2), podendo agir sobre estes os quatro elementos da sequência canônica. Ao sujeito do fazer, é garantido o poder de julgar os feitos do S2, o que contribui para a transformação da narrativa. O sujeito de estado estabelece relação com o objeto-valor (Ov), podendo ser de conjunção ($S \cap O$) ou disjunção ($S \cup O$), sendo que “a disjunção não é a ausência de relação, mas um modo de ser da relação conjunta” (Barros, 2005, p. 23).

Na fábula de escopo *O leão e o ratinho*², por meio da oposição fundamental /liberdade/ *versus* /prisão/, é possível perceber os seguintes programas narrativos:

PN1: O leão toma do rato o objeto-valor liberdade (O sujeito do fazer é o leão; o fazer é agarrar o rato com a pata; o sujeito de estado é o rato, que fica preso nas garras do leão).

F (agarrar com a pata) [S1 (leão) → S2 (rato) U Ov (liberdade)]

PN2: O rato recebe do leão o objeto-valor liberdade (O sujeito é o leão; o fazer é deixar ir; o sujeito de estado é o rato, que fica livre das garras do leão).

F (deixar ir) [S1(leão) → S2 (rato) n Ov (liberdade)]

PN3: Os caçadores, por meio de uma armadilha, tomam do leão o objeto-valor liberdade (O sujeito do fazer é representado pelos caçadores; o fazer é colocar uma armadilha; o sujeito do estado é o leão).

F (colocar uma armadilha) [S1(caçadores) → S2 (leão) U Ov (liberdade)]

PN4: O leão recebe do rato o objeto-valor liberdade (O sujeito do fazer é o rato; o fazer é “roer as cordas da rede” da armadilha; o sujeito do estado é o leão).

F (roer as cordas da rede) [S1(rato) → S2 (leão) n Ov (liberdade)]

A semântica narrativa estuda os valores presentes nos objetos. Uma narrativa pode apresentar dois tipos de objetos: modais e de valor. Segundo Fiorin (2008, p. 37), os objetos modais correspondem a um querer, um dever, um saber e um poder fazer, que são importantes para que o sujeito possa realizar a performance da narrativa. Os objetos de valor são aqueles que dão concretude ao sujeito para que

² Em um dia muito ensolarado, um leão estava dormindo pacificamente quando um pequeno rato passou por ele e o acordou. Irritado, o leão pegou o rato com suas enormes garras e, quando estava prestes a esmagá-lo, ouviu o ratinho dizer: “Deixe-me ir, talvez um dia você precise de mim.” O leão caiu de gargalhada subestimando a fala do rato, mas mesmo assim decidiu o leão decidiu libertar o rato. Depois de algumas horas, o leão foi pego nas redes dos caçadores. O rato, fiel à sua promessa, veio em seu auxílio. Sem tempo a perder, ele começou a morder a rede até o leão ser libertado. O leão agradeceu ao rato por salvá-lo e a partir daquele dia ele entendeu que todos os seres são importantes. Moral: Não subestime os outros, todos temos as qualidades que nos tornam muito especiais. Fonte: O leão e o rato – Fábula para crianças. **Só Escola**, 2 jun. 2020. Disponível em: https://www.soescola.com/2020/06/o-leao-e-o-rato.html#google_vignette. Acesso em: 29 jul. 2024.

este entre em conjunção ou disjunção com ele, assim, para realizar uma performance, o sujeito precisa de um objeto de valor para concretizar um objeto modal.

A sintaxe e a semântica narrativas buscam explicar as relações do homem na busca de valores de sentido, por meio dos contratos e dos conflitos com outros sujeitos presentes no discurso. Os sujeitos e os valores do nível narrativo são atualizados no nível discursivo pelos temas e figuras, e o sujeito discursivo é dotado de um papel social conforme as relações que estabelece com os temas e as figuras.

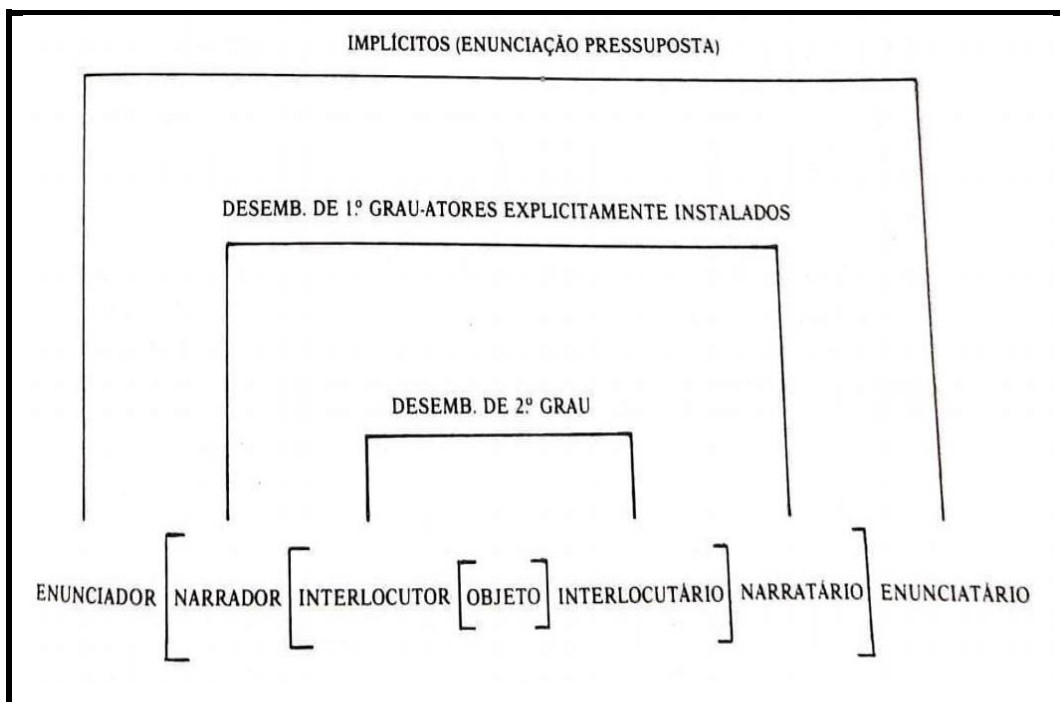
2.2.3 Nível Discursivo

No nível discursivo, ocorre o “enriquecimento” das estruturas abstratas do nível narrativo, pois estas ganham efeito de concretude ao serem adotadas pelo sujeito da enunciação. Este sujeito, ao inserir no discurso as categorias de pessoa, de tempo, de espaço, além de temas e figuras, transforma a estrutura narrativa em estrutura de discurso. Na concepção de Barros (2005, p. 53), o discurso é compreendido como

[...] a narrativa ‘enriquecida’ por todas essas opções do sujeito da enunciação, que marcam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia. A análise discursiva opera, por conseguinte, sobre os mesmos elementos que a análise narrativa, mas retoma aspectos que tenham sido postos de lado, tais como as projeções da enunciação no enunciado, os recursos de persuasão utilizados pelo enunciador para manipular o enunciatário ou a cobertura figurativa dos conteúdos narrativos abstratos.

Fiorin (2008, p. 55) propõe que a enunciação, enquanto ato da produção do discurso, possui duas instâncias: o *eu* pressuposto, enunciador, que projeta no discurso um *tu*, o enunciatário; e o *eu* projetado no interior do discurso, narrador, que projeta no texto enunciado um *tu*, o narratário. Além desses dois tipos de sujeitos, o narrador do discurso também pode dar voz às personagens, por meio de um discurso direto, estabelecendo uma nova relação e figurando o sujeito interlocutor, aquele que fala, e o sujeito interlocutário, aquele com quem o interlocutor dialoga. Essas duas pessoas, *eu* e *tu*, constituem os actantes do discurso, ou seja, o sujeito da enunciação. Essas relações podem ser observadas por meio do esquema a seguir:

Figura 5 - Instâncias enunciativas



Fonte: Barros (2002, p. 75).

A sintaxe deste nível analisa as marcas da enunciação no enunciado por meio de três instâncias: actancial, que considera a pessoa do discurso; temporal, que estabelece o tempo em que se passam as diferentes ações; e espacial, que projeta o local em que as relações se desencadeiam (Barros, 2005, p. 54). A sintaxe discursiva desdobra-se em dois grandes mecanismos: a debreagem e a embreagem. A partir das sentenças a seguir, examinaremos esses mecanismos com mais profundidade.

1. Estou agora aqui no carro esperando você sair do consultório.
2. Helena estava naquele momento contente no carro aguardando a procissão passar.

Em cada um dos enunciados acima, foi utilizado a debreagem, que pode ser dividida em enunciativa e enunciva. Na primeira sentença, acontece a debreagem enunciativa, que é o processo “em que se projeta no enunciado quer as pessoas (eu/tu), o tempo (agora) e o espaço (aqui) da enunciação” (Fiorin, 2008, p. 58). Neste enunciado, temos a marca de pessoa (eu implícito no verbo “estou”, você), do espaço (aqui) e do tempo da enunciação (o presente, projetado no tempo verbal “estou” e no advérbio de tempo “agora”).

No segundo enunciado, ocorre a debreagem enunciativa, pois o enunciado é apresentado como se ele mesmo se apresentasse. Para informar algo, o narrador utiliza a terceira pessoa (ele), o tempo (do então – “naquele momento” não está referenciado no discurso) e o espaço do alhures do enunciado.

Os estudos dos mecanismos que compõem a debreagem são primordiais para compreender os efeitos de sentido instaurados no enunciado. Barros (2019) aponta que a utilização da debreagem enunciativa (*ele-então-alhures*) causa o efeito de distanciamento da enunciação, promovendo a objetividade do enunciado, presente, por exemplo, em textos jornalísticos, que buscam manter a imparcialidade sobre a discussão dos assuntos abordados. Já em textos, como a autobiografia, o uso da debreagem enunciativa cria o efeito de aproximação da enunciação, gerando o efeito de subjetividade. Esses efeitos de sentido ocorrem porque “na debreagem enunciativa, o eu coloca-se no interior do discurso, enquanto, na enunciativa, ausenta-se dele” (Fiorin, 2008, p. 64).

Além dessas debreagens, Fiorin (2008) apresenta outra, denominada de debreagem interna ou de segundo grau. Nesse tipo de debreagem, o narrador dá a palavra para as pessoas do enunciado instaladas no discurso, criando uma unidade discursiva intitulada de discurso direto que, por carregar a força da afirmação nas falas dos interlocutores, gera o efeito de sentido de verdade.

Em contrapartida, no discurso indireto, não há a presença da debreagem interna, visto que o narrador não dá voz às personagens do discurso e, desse modo, “ouvimos a palavra do outro através do narrador” (*Ibidem*, p. 67). Nesse tipo de discurso, o narrador busca analisar a variante de conteúdo ou a variante de expressão, assim, é criado o efeito de sentido de objetividade.

Na embreagem, que é o segundo mecanismo da sintaxe discursiva, “ocorre uma suspensão das oposições de pessoa, de tempo ou de espaço” (*Ibidem*, p. 74). Em outras palavras, na embreagem, há uma ruptura com as normas que orientam a maneira com que o leitor entende e percebe a relação entre pessoa (*eu* e *ele*), tempo (*agora* e *então*) e espaço (*aqui* e *alhures*).

Existem três tipos de embreagem: actancial, espacial e temporal. Ao considerar o contexto de uma mãe que diz para o filho: “A *mamãe* vai comprar um presente lindo para você”, percebemos que, nessa fala, ocorre a substituição da primeira pessoa (*eu*) pela terceira pessoa (*ela* – *mamãe*) do discurso. O narrador privilegia o papel temático da mãe em detrimento da categoria de pessoa do discurso

(eu). Essa neutralização provoca “o efeito de retorno à enunciação” (Fiorin, 1995, p. 29), pois a projeção da enunciação propriamente dita prevê como enunciado “Eu vou comprar um presente lindo para você”. O autor explica que essa projeção acontece porque “Toda embreagem pressupõe uma debreagem anterior” (*Ibidem*, p. 29)³.

Na embreagem espacial, o narrador substitui o *aí/aqui* por um *lá*, causando um efeito de distanciamento do lugar de quem enuncia. A embreagem temporal é “Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito 2, o que se faz é aproximar o que se disse do momento da enunciação” (Fiorin, 2008, p. 74), possibilitando para o narrador reviver os acontecimentos.

Por meio da sintaxe discursiva é possível perceber os valores que contribuíram para a produção de um determinado texto, visto que busca “explicar as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e também as relações que se estabelecem entre enunciador e enunciatário” (Barros, 2005, p. 53).

Na semântica discursiva, os valores adotados pelo sujeito da narrativa são transmitidos através dos percursos temáticos que sofrem investimentos figurativos. Barros (2005, p. 66) explica que

A disseminação dos temas e a figurativização deles são tarefas do sujeito da enunciação. Assim procedendo, o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade.

A tematização é um procedimento que busca “formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos” (*Ibidem*, p. 66). Para analisar os percursos temáticos, é necessário considerar “a organização dos percursos temáticos, em função da estruturação narrativa, subjacente, e as relações entre tematização e figurativização” (*Ibidem*, p. 67).

A tematização no discurso depende da transformação “dos sujeitos narrativos em atores que cumprem papéis temáticos e da determinação de coordenadas espaço-temporais para os percursos narrativos” (*Ibidem*, p. 67). Diante disso, Greimas e Courtés (1979, p. 454) argumentam que a tematização abrange não só os sujeitos, mas também os objetos e as funções, ou ainda, os diferentes elementos que auxiliam a estruturação da narrativa.

³ FIORIN, José Luiz. **A Pessoa Desdobrada**. Alfa, São Paulo, 39, p. 23-44, 1995.

Tendo em vista que, num discurso, um determinado valor pode apresentar diferentes percursos temáticos, Barros (2005, p. 68) assinala que

Para estudar a relação entre os procedimentos de tematização e os de figurativização, devem-se responder a duas questões: em primeiro lugar, se é possível prever-se a construção de discursos apenas temáticos ou não-figurativos; em segundo, se podem ocorrer discursos com vários temas e uma única cobertura figurativa, e vice-versa.

Nos discursos temáticos, há a predominância dos efeitos da enunciação, sendo eles “de aproximação subjetiva ou de distanciamento objetivo da enunciação” (*Ibidem*, p. 69). Já os efeitos de realidades não dependem somente do percurso temático, mas também dos processos de figurativização.

Na figurativização,

as figuras do conteúdo recobrem os percursos temáticos abstratos e atribuem-lhes traços de revestimento sensorial. Uma narrativa de busca do poder-ser e fazer pode tornar-se um discurso temático sobre a liberdade com algum recurso figurativo esporádico, como nos discursos políticos ou nos textos filosóficos, ou apresentar-se como um discurso figurativo, recoberto, em sua totalidade, por figuras (Barros, 2005, p. 69).

Se um sujeito do discurso, por exemplo, inicialmente estiver em disjunção com o objeto (S U O), esse objeto, “que não é senão uma posição sintáctica” (Greimas e Courtés, 1979, p. 186), será revestido de valor, ou seja, de um poder (fazer/ser). A partir dessa configuração, o poder é figurativizado, o objeto ganha concretude, e o enunciatário passa a reconhecê-lo. No discurso, o objeto constitui-se como uma imagem com efeito de concretude do desejo do enunciatário que, num nível narrativo, pratica um fazer-interpretativo, estando sujeito às manipulações do enunciador.

Em diálogo com esses autores, Fiorin (2008, p. 91) afirma que

A oposição entre tema e figura remete, em princípio, à oposição abstrato/concreto. No entanto, é preciso ter em mente que concreto e abstrato não são termos polares que se opõem de maneira absoluta, mas constituem um *continuum* em que se vai, de maneira gradual, do mais abstrato ao mais concreto.

A figura é o termo que remete a algo presente no mundo natural, como o sol, a lua, as árvores, ou seja, “é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural” (*Ibidem*, p. 91), enquanto o tema “é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural” (*Ibidem*, p. 91), podendo ser liberdade, o amor, o orgulho, o preconceito etc. Os textos a seguir, utilizados e

explicados pelo Prof. Dr. Fernando Moreno da Silva, em seu canal do YouTube “LINGUARIA - Para escrever melhor”⁴, servem como exemplo para a compreensão dos termos apresentados.

1. Um asno, vítima da fome e da sede, depois de longa caminhada, encontrou um campo de viçoso feno ao lado do qual corria um regato de límpidas águas. Consumido pela fome e pela sede, começou a hesitar, não sabendo se antes comia do feno e depois aplacava a fome. Assim, perdido na indecisão, morreu de fome e de sede.
2. Um indivíduo, colocado diante de dois objetos igualmente desejados, pode ficar de tal forma indeciso que acaba por perder a ambos.

Os dois textos abordam o mesmo assunto, que é a indecisão do indivíduo. O texto 1, fábula de escopo, é considerado um texto figurativo, pois utiliza figuras que remetem ao mundo natural para discorrer sobre a indecisão, como o asno, o campo de feno e as límpidas águas. Já o texto 2 é temático, pois explica o mundo por meio de temas, como o desejo, a perda e a indecisão.

A repetição de temas e figuras, no decorrer do discurso, é denominada isotopia. Esse termo, oriundo da física e da química, em uma análise discursiva, “é a recorrência de um dado traço semântico ao longo de um texto” (Fiorin, 2008, p. 113). A isotopia, além de promover a organização do discurso, também auxilia na coesão e coerência do texto.

A isotopia divide-se em dois tipos: a isotopia temática, que se refere à repetição de estruturas semânticas abstratas, ou seja, os temas, e a isotopia figurativa, que é caracterizada pela repetição das figuras (Barros, 2005, p. 71). A isotopia contribui para a estruturação semântica do texto, promovendo a compreensão do leitor.

Segundo a autora,

Além da construção, com esses ou outros princípios, dos percursos temáticos e figurativos, é necessário examinar, na busca dos sentidos do texto, as relações vigentes entre as várias isotopias. Essas relações estabelecem-se entre as isotopias figurativas de um mesmo texto, cada uma delas pressupondo uma linha de leitura temática. Dessa forma, por meio das relações verticais entre isotopias figurativas, ligam-se também os diferentes percursos temáticos do discurso (*Ibidem*, p. 71).

Essas relações desempenhadas entre as diferentes isotopias são denominadas de metafóricas ou metonímicas. Barros (2005, p. 72) acentua que, na

⁴ SILVA, Fernando Moreno da. **Texto figurativo e texto temático** [temas e figuras para interpretação de texto]. YouTube. 6 dez. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YR0MvTHsg70&t=312s>. Acesso em: 25 abr. 2024.

semiótica discursiva, esses dois termos não são considerados figuras de palavras, mas, sim, figuras do discursivo que auxiliam na coerência do texto.

2.3 A identidade na semiótica discursiva

Na Semiótica Discursiva, o termo “simulacro” é fundamental para compreender a interação entre os actantes da enunciação que, no nível discursivo, recebem investimentos temáticos e figurativos. Greimas e Courtés (1986, p. 206, *apud* Sousa, 2023, p. 50) explicam que esse termo é utilizado

[...] para designar o tipo de figuras, com componente modal e temático, com as quais os actantes da enunciação se deixam mutuamente apreender, uma vez projetados no quadro do discurso enunciado. Do ponto de vista do seu conteúdo, estas figuras podem ser consideradas representativas das competências respectivas que se atribuem reciprocamente os actantes da comunicação. Desse modo, a construção de tais simulacros intervém, na dimensão cognitiva, como um pré-requisito necessário a qualquer programa de manipulação intersubjetiva.

Quando o sujeito da enunciação se instaura no enunciado, que é compreendido como “toda grandeza dotada de sentido” (Greimas e Courtés, 1979, p. 148), a enunciação torna-se o lugar do *ego*, *hic et nunc*. Isso ocorre porque o *eu* enuncia em um determinado tempo e espaço, ou seja, no *eu-aqui-agora*. Fiorin (2008) esclarece que, mesmo quando um enunciado não apresenta as marcas da enunciação, ainda assim ocorre uma instância pressuposta no enunciado, visto que todo enunciado é produzido por uma pessoa, num dado tempo e espaço. Com isso, é possível perceber duas instâncias no enunciado: o *eu* pressuposto e o *eu* projetado. O autor esclarece que

essas duas instâncias não se confundem: a do *eu* pressuposto é a do enunciador e a do *eu* projetado no interior do enunciado é a do narrador. Como a cada *eu* corresponde um *tu*, há um *tu* pressuposto, o enunciatário, e um *tu* projetado no interior do enunciado, o narratário. Além disso, o narrador pode dar a palavra a personagens, que falam em discurso direto, instaurando-se então como *eu* e estabelecendo aqueles com quem falam como *tu*. Nesse nível, temos o interlocutor e o interlocutário (*Ibidem*, p. 56).

Ao enunciar um discurso, o enunciador não apenas transmite informações, mas também exerce um fazer persuasivo, pois tenta convencer o enunciatário a aceitar aquilo que diz. Já o enunciatário, além de exercer um fazer interpretativo, também avalia o discurso do *outro*, aceitando ou rejeitando aquilo o que lhe foi dito.

Em diálogo com os autores, Saraiva (2010)⁵ apresenta “o sujeito da enunciação como *sujeito semiótico*”, que não corresponde a um sujeito real, mas a uma imagem construída através da linguagem e se manifesta na enunciação, construindo-se por meio da interação com o(s) outro(s) do discurso e da relação com os componentes modais de ser e de fazer.

Tendo em vista essa formulação,

Tudo se passa, então, como se o sujeito da enunciação, ao produzir o enunciado, convocasse as estruturas sêmió-narrativas virtuais para atualizá-las em discurso, e, neste processo de discursivização daquelas estruturas, ele assumisse o duplo papel actancial de enunciador e enunciatário. Mas, ao comunicar o discurso-enunciado, o sujeito da enunciação se discretizasse e assume apenas o papel de enunciador, apresentando-se, neste caso, o processo de discursivização como um lugar de troca entre enunciador e enunciatário (Saraiva, 2010, p. 54).

Em síntese, ao utilizar as estruturas semionarrativas para produzir o discurso, o sujeito ocupa simultaneamente o papel tanto de enunciador, quanto de enunciatário. Em contrapartida, o sujeito da enunciação, ao construir o discurso, desempenha o papel de enunciador, estabelecendo uma relação de troca com o enunciatário.

O sujeito da enunciação é um simulacro construído a partir das relações enunciativas presentes no discurso. O enunciador, ao produzir um discurso, não apenas transmite uma informação, mas também apresenta os valores que o discurso constrói, ou seja, a forma como os actantes se relacionam no discurso influencia na construção do sujeito, determinando, assim, seu modo de ser e de estar no mundo.

Segundo Greimas e Courtés, a oposição semântica fundamental /identidade/ *versus* /alteridade/ é apresentada como par “interdefinível pela relação de pressuposição recíproca, e é indispensável para fundamentar a estrutura elementar da significação” (Greimas; Courtés, 2008, p. 251), ou seja, um elemento depende do outro, um pressupõe o outro, possibilitando compreender como os sentidos e os significados estão estruturados para a formação da identidade.

Essa oposição, conforme os autores, “[...] serve igualmente para designar o princípio de permanência que permite ao indivíduo continuar “o mesmo”, “persistir no seu ser”, ao longo de sua existência narrativa, apesar das modificações que provoca ou sofre [...]” (*Ibidem*, p. 252), ou seja, esse “princípio de permanência” garante que o

⁵ SARAIVA, José Américo Bezerra. Pessoal do Ceará [manuscrito]: a identidade de um percurso e o percurso de uma identidade. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2010.

indivíduo possa criar e desenvolver a sua identidade por meio da relação que tem com o outro.

A identidade refere-se às características, às crenças e aos valores que constroem o indivíduo, determinando, assim como cada um é. Em contrapartida, a alteridade, conceito muito discutido nas ciências sociais, busca compreender as interações humanas dentro de um determinado espaço, consistindo na percepção do sujeito em relação ao outro.

Segundo Landowski (2002, p. 3), “para que o mundo faça sentido e seja analisável enquanto tal, é preciso que ele nos apareça como um universo articulado [...]”, nisso, entende-se que para que as pessoas possam compreender o mundo a partir dos seus sentidos, a alteridade e a identidade não podem ser concebidas de maneira dissociada, visto que o mundo está “[...] condenado, aparentemente, a só poder construir-se pela diferença, o sujeito tem a necessidade de um ele – dos ‘outros’ (eles) – para chegar à existência semiótica” (*Ibidem*, p. 4).

Discini (2003, p. 29) refere-se à identidade como uma imagem-fim, considerada “simulacro reflexivo, ou seja, imagem constituída do ator para si mesmo” e “também um simulacro hétero-constituído, supondo a visão que tenho do *outro*, bem como a visão que penso que o *outro* tem de mim”. Essa imagem-fim, que se refere à imagem que o ator da enunciação tem sobre si mesmo é construída também por meio da projeção do olhar do outro sobre o eu. Em outras palavras, a identidade do sujeito discursivo é construída considerando a visão que ele tem sobre si mesmo e a visão que ele acredita que o outro tem dele.

Em diálogo com Discini, Silva Junior (2017) explica que os sujeitos discursivos, “eu” e “tu” estabelecem uma relação eufórica, visto que compartilham uma identidade complementar, em que o enunciador, além de produzir o discurso, também promove um fazer-persuasivo, já o enunciatário promove um fazer-interpretativo, acreditando ou não naquilo que o enunciador lhe propõe. Em contrapartida, há uma relação disfórica entre o “eu” e o “outro”, visto que ambos não compartilham a mesma identidade. Em outras palavras, o “outro” se opõe ao “eu” que, ao considerar o nível fundamental do percurso gerativo de sentido, entende-se que essa relação é estabelecida pela oposição semântica /identidade/ *versus* /alteridade/.

A identidade e a alteridade são dois termos distintos e opostos, mas que coexistem. A imagem-fim de um sujeito é construída no meio social e se desenvolve por meio das percepções de si mesmo e das interações com o outro. Essa relação é

primordial para entender como a visão do “outro” influencia as relações, visto que, essa visão, por muitas vezes, está baseada pelas percepções já existentes e enraizadas na sociedade, criando os estereótipos, as generalizações e o preconceito, podendo impactar na construção da identidade do “eu”. É o que se pode verificar em muitos fragmentos da obra, *corpus* desta pesquisa.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, para analisar como a identidade do negro, no livro “Avesso da pele”, de Jeferson Tenório, é tecida à luz da Semiótica Discursiva Francesa. Aborda-se, também, o tipo de pesquisa, as fontes dos dados e os instrumentos de coleta de dados.

3.1 Tipos de Pesquisa

Na concepção de Paiva (2019, p. 11), “fazer pesquisa é uma tarefa de investigação sistemática com a finalidade de resolver um problema ou construir conhecimento sobre determinado fenômeno”. Desse modo, é necessário que o pesquisador realize um planejamento adequado para decidir que tipo de pesquisa deverá ser realizada para a construção do projeto. No caso desta pesquisa, o planejamento é fundamental para compreender como a obra “O Avesso da Pele” apresenta as dinâmicas sociais que influenciam na construção da identidade do negro.

Esta pesquisa é classificada como documental, considerando que a obra é tida como “documento” quando ainda não recebeu um tratamento analítico pelo pesquisador (Gil, 2021, p. 29), ou seja, é um estudo de uma obra literária ainda pouco analisada nas diversas áreas do conhecimento. De acordo com o autor, documento é o objeto que é possível afirmar um fato ou um acontecimento, embora se trata de um fato literário que remete a uma construção de efeitos de realidade no campo discursivo. Mesmo que o texto de cunho literário não tenha a finalidade de produzir um efeito de verdade como os documentos em sentido estrito, consideramos a obra “O Avesso da Pele” um documento, pois apresenta e reflete, por meio dos sujeitos da narrativa e dos sujeitos discursivos, como as dinâmicas sociais, figurativizadas e tematizadas na obra, se desenvolvem e possibilitam a construção da identidade do negro na sociedade brasileira.

Além disso, a pesquisa também é considerada bibliográfica, por se fundamentar em uma revisão teórica da Semiótica Discursiva Francesa, baseada em autores reconhecidos nessa área do conhecimento, que contribuíram para atingir os objetivos desta pesquisa. Entre esses autores, destacam-se Greimas e Courtés (1979, 2008, 2016 e 2020), Barros (2002, 2005 e 2019), Discini (2003) e Fiorin (1995, 2005, 2008 e 2018), entre outros.

Esta pesquisa possui caráter descritivo e explicativo, pois descrevemos e explicamos como é construída a imagem do negro na sociedade. Para isso, tomamos como base os três níveis do percurso gerativo de sentido que analisam as relações entre as estruturas sintáticas e semânticas na produção de sentido. Na obra, esses níveis exploram as oposições semânticas fundamentais, as relações enunciativas e seus efeitos de sentido, além dos temas e das figuras que dão concretude ao texto e orientam a construção da identidade do negro.

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois descreve fenômenos sociais por meio da análise interpretativa, levando-se em consideração o contexto sócio-histórico e cultural da obra, bem como os elementos internos que constroem a coesão, a coerência e as isotopias do texto.

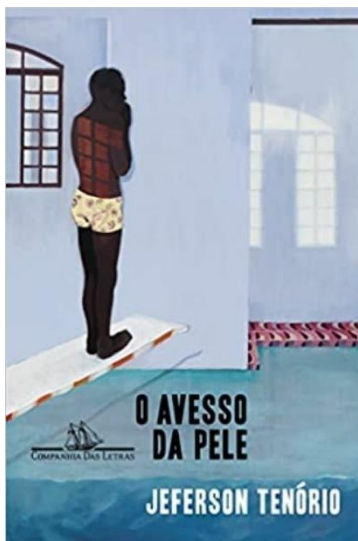
Na presente pesquisa, lançamos um olhar crítico sob a obra “O Averso da Pele”, a fim de descrever e compreender como a relação entre a pobreza, o preconceito e a violência reforçam a construção da identidade do negro à luz da Semiótica Discursiva.

3.2 Conhecendo o *Corpus*

Nascido em 1977, no Rio de Janeiro, o escritor Jeferson Tenório foi radicado em Porto Alegre, onde concluiu seu doutorado em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS). Sua carreira literária iniciou com o romance “O beijo na parede” (2013), considerado pela Associação Gaúcha de Escritores como o Livro do Ano. Tenório também teve seus textos adaptados para o teatro e traduzido para outras línguas, como para o inglês e o espanhol e, em 2018, publicou seu segundo livro, intitulado “Estrela sem Deus”.

“O Averso da Pele”, terceira obra de Jeferson Tenório, foi publicada em 2020 pela Companhia das Letras e, em 2021, ganhou o Prêmio Jabuti na categoria Romance Literário. A partir das relações interpessoais entre as personagens, o autor discute temas que repercutem na sociedade e que afetam a construção da identidade do negro, como o racismo, o preconceito e a violência policial. Observe-se a capa do livro a seguir:

Imagem (1) – Capa do Livro “O Averso da Pele”



Fonte: TENÓRIO, Jeferson. **O Averso da Pele**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020.

Esta obra encontra-se dividida em quatro partes: “A pele”, “O Averso”, “De volta a São Petersburgo” e “A barca”. A capa do livro é uma pintura de Antonio Obá, intitulada “Trampolim”, da série “Banhistas”, que apresenta um homem negro se preparando para o mergulho na piscina. A pintura representa uma metáfora da temática que será abordada na obra, sugerindo a busca do negro pela identidade, que ultrapassa a cor da pele.

A história denuncia a pobreza, a violência e o preconceito vivenciados pelas pessoas negras não só em Porto Alegre, palco da narrativa, mas no Brasil. Este livro é narrado por Pedro, um jovem negro que tenta reconstruir a história e a memória do pai assassinado em uma abordagem policial.

Em “A pele”, Pedro recria a vida de Henrique, destacando os objetos espalhados no apartamento e aborda a experiência de crescer à mercê da pobreza e do preconceito em Porto Alegre. Após um aluno vomitar na blusa de Henrique, Pedro descreve alguns infortúnios que o pai sofreu, como: a primeira crise de ansiedade; a úlcera no estômago que o impediu de servir o exército; a primeira endoscopia realizada sem anestesia; o momento em que foi agredido por populares e algemado depois de ser confundido com um bandido; a primeira vez que sofreu racismo e que foi associado às drogas, a armas e à violência, bem como às vezes em que ele e seu amigo Juarez iam à danceteria e tinham que escolher entre comer um cachorro quente ou pegar um ônibus para voltar para casa.

Com as aulas de Oliveira, poeta e professor negro de literatura que, no curso preparatório para o vestibular, tratava de assuntos sobre Shakespeare e Ogum, Malcolm X, Martin Luther King, escravidão e a negritude, Henrique compreende o que é o racismo e o peso da sanção atribuída à pele negra pela sociedade. Este conhecimento foi primordial para perceber que o racismo se desenvolve em diferentes áreas, até mesmo dentro das relações inter-raciais, em que o preconceito é mascarado e visto como um ato de diversão.

Em “O Averso”, o autor apresenta a miséria e a violência em duas perspectivas diferentes: a da mulher negra, Martha, mãe de Pedro, e a do homem negro, Henrique, o pai. Martha teve a infância marcada pela morte dos pais, por seu relacionamento conturbado com Flora, filha de Madalena, sua mãe adotiva, e pelas dificuldades financeiras enfrentadas pela família em Santa Catarina. Durante a juventude, além do assédio verbal sofrido nas ruas, Martha também vivencia a violência física e o racismo dentro do relacionamento com Vitinho, pois a família do rapaz a tratava como empregada doméstica e, por conta das drogas, Vitinho tornou-se agressivo. Para fugir dessa situação, Martha retorna para sua cidade natal, Porto Alegre.

A infância de Henrique foi marcada pelo abandono do pai, pelos atos de crueldade ocasionados pelo racismo, em que as professoras da creche lhe negaram comida e prenderam os seus dedos na porta, a fim de verificar até que ponto aguentava a dor, bem como pela violência verbal e física presenciadas na casa da avó, em que o tio Zé Carlos, policial civil, após uma discussão por causa de uma traição, apontou uma arma para a própria esposa, Sônia, e atirou, mas a bala atingiu o assoalho, formando um buraco pequeno. Este foi um dos motivos que provocou a primeira crise de ansiedade.

Para evitar o sentimento de falta e abandono, mesmo após o divórcio dos pais, Pedro tenta aproximar-se de seu pai e lhe pede conselhos amorosos. Nesse momento, ele recorda um ensinamento que recebeu de Henrique ainda na infância:

É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos (Tenório, 2020, p. 61).

Na terceira parte, “De volta à São Petersburgo”, o narrador expõe o último ano da vida de Henrique, quando ministrava aulas nas turmas da EJA - Educação de Jovens e Adultos. Durante toda a vida, Henrique tentava escapar da sanção negativa imposta aos negros, mas constantemente enfrentava abordagens policiais que justificavam apenas pela cor da pele. Pedro relata as investidas que o pai vivenciou: as três primeiras vezes ocorreram por ser um garoto negro em um bairro nobre da cidade, esperando ou jogando bola com os amigos; a quarta, após uma noite na danceteria, ele e os demais foram revistados pela polícia e conta que um rapaz negro foi agredido; a quinta, quando voltava para casa, o ônibus em que estava foi parado em uma blitz e só as pessoas negras foram obrigadas a descer. Nesse momento, tudo o que Henrique queria era voltar a ler o livro “Crime e Castigo”, porém, ao retornar ao coletivo, “o rapaz que não precisou descer”, ao vê-lo chegar, “trocou de lugar e foi sentar mais à frente” (Tenório, 2020, p. 149).

As duas últimas abordagens foram as mais severas. Em uma delas, Henrique teve sua bolsa revirada e jogada no chão, enquanto esperava o ônibus depois de passar a noite trabalhando em uma pizzaria. Na outra, enquanto caminhava pela praça, policiais o abordaram e apontaram armas em sua direção. Henrique foi confundido com um bandido, por usar uma jaqueta parecida com a do suspeito, mesmo que o suspeito não fosse negro e que outros homens com a mesma jaqueta estivessem no parque e não foram revistados.

Por fim, em “A barca”, o narrador apresenta um policial que, em toda noite, tem um mesmo pesadelo: por causa de um barulho, acorda de madrugada, pega a arma e revista os cômodos, mas vê dois homens negros em cima do telhado do outro prédio e percebe que também há pessoas dentro da sua casa, local em que sua família dormia. Mesmo com os pesadelos constantes, o policial entra na viatura, também conhecida como “barca”, e sai à procura do bandido que matou seu colega de trabalho. Nesse mesmo período, Henrique consegue envolver e fascinar seus alunos com os trechos do livro “Crime e Castigo”.

Após ministrar mais uma aula na EJA, Henrique, ainda entusiasmado com o progresso e interesse da turma, não percebe a aproximação da viatura e, ao tentar pegar o livro base de suas aulas, é alvejado e morto a tiros pela polícia, sem direito à defesa.

Com o assassinato do pai, Pedro reflete sobre a morte e de como ela rouba e destrói a realidade das pessoas, da impunidade no país e da luta constante do negro

pela busca de aceitação na sociedade. Em um almoço com a tia Luara, Pedro pergunta como ela suporta ser julgada sempre pela cor da sua pele, e Luara explica que:

A gente se acostuma com tudo. A gente se acostuma quando você caminha na rua e as pessoas recolhem as bolsas e mochilas, a gente se acostuma quando os próprios homens preferem as negras mais claras, a gente se acostuma a ser só. A gente se acostuma a chegar numa entrevista de emprego e fingir que não percebeu a cara desapontada do entrevistador. Mas não estou reclamando, porque com o passar dos anos eu aprendi a me defender bem. Aprendi a inventar estratégias de sobrevivência. Seu pai também teve de inventar estratégias. Mas isso não significa que sejamos sempre bem-sucedidos. Quero dizer que nós, às vezes, falhamos. E falhar, no nosso caso, pode resultar num erro fatal. Ainda assim, Pedro, ainda assim a gente segue (Tenório, 2020, p. 181).

Após terminar de contar a história de Henrique, que tinha por finalidade resgatar a memória e a identidade do pai, Pedro diz “Tenho Ogum em minhas mãos porque agora é a minha vez” (Tenório, 2020, p. 188), como forma de mostrar o início da busca pela sua própria subjetividade que ultrapassa a cor da pele.

Em suma, Jeferson Tenório aborda não só o racismo como elemento central da narrativa, mas como uma força que ultrapassa as relações interpessoais e que influencia na percepção e construção da identidade do negro na sociedade. Com isso, excedem-se as interações pessoais, e outras temáticas também são exploradas, como a violência policial. A obra “O Averso da Pele” promove um envolvimento do leitor com a narrativa e proporciona uma reflexão crítica a respeito das dificuldades enfrentadas pelos negros em uma sociedade marcada pelo racismo, preconceito e a violência.

4 OS DESDOBRAMENTOS DO AVESSO

Nesta seção, busca-se compreender como é construída a identidade do negro por meio do personagem Henrique, considerando as relações interpessoais estabelecidas em diferentes contextos da narrativa, que revelam complexas dinâmicas de poder e que fortalecem o racismo, o preconceito e a violência contra o negro, à luz da Semiótica Discursiva Francesa, proposta por Algirdas Julien Greimas.

4.1 A construção da identidade do negro

A obra “O Averso da Pele” possui como ponto de partida a confirmação da morte de Henrique, pai de Pedro, o narrador da obra, que, durante os relatos, não apenas resgata as memórias do pai, mas também reflete sobre a posição do negro na sociedade. Para isso, Pedro explora as relações interpessoais de Henrique, abordando temáticas que influenciam na construção da identidade do negro, como o racismo, o preconceito e a violência. Neste trabalho, analisa-se como essas temáticas são apresentadas para Henrique desde os primeiros anos de vida e como elas se desenvolvem e se desdobram em diferentes aspectos da narrativa, tais como a vida amorosa, o ambiente de trabalho e as abordagens policiais.

Henrique chegou à cidade de Porto Alegre aos doze anos, acompanhado por suas irmãs e sua mãe. Inicialmente, as crianças ficaram maravilhadas com a nova cidade, mas logo se depararam com a dura realidade. Nos primeiros dias, morando na casa da avó Julieta, localizada no bairro Vila Bom Jesus, considerado um dos mais violentos da cidade, Henrique e suas irmãs saíram para brincar em frente da casa, porém, foram surpreendidos por um grupo de meninos. O narrador relata que:

Um deles, antes de chegar mais perto, baixou e juntou uma pedra, e outro, mais atrás, juntou um pedaço de pau. E de repente vocês estavam cercados. Um deles mandou você entregar a bola sob a ameaça de levar uma pedrada na cabeça. Você até pensou em resistir, mas só tinha doze anos. Então você apenas fez o que tinha de fazer: entregou a bola. Antes de irem embora, você levou um empurrão e caiu sentado. Suas irmãs gritaram por socorro e então o mais velho mandou elas calarem a boca, *suas neguinhas de merda*, e eles as empurraram também (Tenório, 2020, p. 95, grifos do autor).

Considerando o nível narrativo do Percurso Gerativo de Sentido, percebe-se que, nesta passagem, o destinador-manipulador (os garotos) firmam um contrato com o destinatário-manipulado (Henrique). Esse contrato é estabelecido pelo percurso da manipulação por intimidação, em que os garotos, movidos por um poder-fazer e um saber-fazer, que é concretizado pelo uso das figuras discursivas “pedra” e “pau”,

empregam sobre os destinatários o juízo de valor negativo. Henrique reconhece que o destinador-manipulador é capaz de cumprir as ameaças que atentam contra sua integridade física e, por isso, aceita o contrato e passa a dever-fazer o que lhe é ordenado: “entregar a bola”.

Este mesmo contrato também é estabelecido entre o destinador-manipulador (os garotos) e as irmãs de Henrique que, ao gritar por ajuda, tentam romper com os valores negativos impostos pelos garotos, mas estes utilizam a força física para sancioná-las negativamente, empurrando-as igualmente ao que fizeram com Henrique. Além disso, o narrador, ao empregar o discurso direto, busca enfatizar o caráter disfórico da expressão usada pelo interlocutor na produção da fala: “*suas neguinhas de merda*”.

Nesta fala, o interlocutor não apresenta apenas sua impaciência e indignação diante o fato de as meninas não acreditarem no seu poder de sancioná-las. O emprego da palavra “neguinhas”, substantivo no diminutivo, de uso informal, está carregada de sentido pejorativo e racista. Esse recurso reforça a ideia de inferioridade, tornando explícita a tentativa de reduzir o valor e a dignidade da mulher negra em um contexto marcado pelas relações de poder e discriminação.

O termo “neguinha” remete a um processo de minimização sob duas instâncias: social e linguística. Segundo Munanga (1990), quanto à perspectiva social, o termo aponta para a cultura enviesada pelo processo de escravidão, que impôs uma ruptura de identificação quanto aos tons de pele, em que se teve, durante os séculos, uma hierarquização racial de que o branco está superior ao negro. Além disso, a sociedade já carregava o ideal de que o homem ocupa uma posição superior à da mulher, assim, quando se põe em questão o sucesso do silenciamento e da retenção do sujeito masculino (Henrique pelos garotos), o feminino (as irmãs) perde ainda mais autoridade.

Quanto ao aspecto linguístico, tendo em vista o sucesso dos meninos quanto ao Henrique, o termo “neguinhas”, linguisticamente marcado pela aplicação do sufixo “-inha” ao vocativo “nega”, aplica-se a inferioridade social da classe feminina novamente, ou seja, se socialmente estas já são vistas abaixo da linha de poder por serem mulheres, são reduzidas ainda mais por serem negras (Munanga, 1990).

O termo “merda” carrega um sentido depreciativo e ofensivo. Neste contexto, esse termo funciona para intensificar a exclusão e o racismo, pois este se aplica como um adjetivo, logo, qualificatório, assim, ampliando a minimização condicional do alvo,

em que apoiado na redução social e linguística quanto a identidade do sujeito, já alocado em um ideal inferior, busca projetar maior desprezo, impacto redutivo, agressão e intimidação quanto ao alvo. A relação entre esses termos condensa um sentido ideológico que amplifica e fortalece o racismo estrutural, pois, além de reforçar a impaciência, carregada de hostilidade, também mostra como o interlocutor se coloca no lugar de autoridade e superioridade, enquanto o corpo negro é visto como indesejável e desprezível.

Essa violência, adotando o nível fundamental do percurso gerativo de sentido, se manifesta através da oposição semântica /liberdade/ *versus* /opressão/. Os garotos utilizam tanto a violência física (empurrão) quanto a violência verbal (uso de termo racista na fala do interlocutor) para intimidar e oprimir Henrique e suas irmãs. Ademais, os adolescentes também tomam posse de objetos, como pau e pedra, que figuram e reforçam a ameaça de agressão de que, caso não fosse entregue o que lhes fora pedido, corriam o risco de “levar uma pedrada na cabeça”, o que intensifica o processo de intimidação.

Diante de tal fato, Henrique passa a estabelecer um não-querer, pois reconhece que não possui o poder-fazer que lhe garantiria sair desta situação em segurança. Com isso, Henrique percebe sua incapacidade de lutar e defender as irmãs contra aqueles garotos. Isso é comprovado quando o narrador afirma que ele “até pensou em resistir, mas só tinha doze anos”. Com isso, Henrique e suas irmãs são privados não só da liberdade de brincar na rua, mas também da diversão e da alegria que é materializada pela figura “bola”.

A violência não se limitava apenas às ruas, mas se propagava e se intensificava de diferentes formas dentro do aspecto familiar. Em casa, Henrique presenciava, diariamente, discussões entre a mãe e a avó Julieta, pois, além de não terem uma boa relação, permanecendo “mais de dez anos sem se falar[em]” (*Ibidem*, p. 95), Julieta humilhava a filha por ter saído de casa aos dezesseis anos, após ter se apaixonado por um rapaz. Quando foi abandonada pelo homem, a mãe de Henrique retornou à casa de Julieta, desempregada e com três filhos. Essa situação intensificava os atritos na família, porém, surgiram outros conflitos.

Quando toda a família se reunia para o almoço nos fins de semana, Henrique presenciava o que havia de pior na família. Logo após o fim do almoço, a prima Violeta, de treze anos, conduzia Henrique para o quarto e o obrigava a beijá-la. Pedro relata que Henrique lembrava

[...] da primeira vez que a beijou e teve vontade de vomitar cada vez que sentia a língua dela entrando na sua boca. Você não entendia por que um beijo tinha que ser daquele jeito. Depois ela mandava você baixar a bermuda porque queria beijar o seu pinto e você dizia que não queria, e a prima Violeta te ameaçava dizendo que podia inventar uma série de coisas a seu respeito. E, se havia uma coisa que a sua prima Violeta sabia fazer, era inventar coisas para os adultos. [...] Então, toda vez que ela te levava para o quarto, você já sabia que não podia dizer não para ela. E teve um dia que a prima Violeta pediu para você beijar a periquita dela. E você beijou. Desajeitado, ajoelhou-se, baixou a calcinha dela e deu um selinho, mas não tinha a mínima noção do que estava acontecendo ali. E, depois disso, vocês saíram do quarto e foram para o pátio brincar de implicar com o Urso [o cachorro de estimação da família] (*Ibidem*, p. 96).

Neste trecho, percebemos que Violeta, dotada de um poder-fazer, utiliza o percurso da manipulação por intimidação para obrigar o destinatário-manipulado (Henrique) a um dever-fazer. O narrador relata que Violeta criava histórias tão convincentes que levava os adultos a crer naquilo que ela falava, como, por exemplo, o dia em que ela culpou o primo Leo, de nove anos, de ter colocado fogo na casinha do cachorro da família. Embora fosse a verdadeira autora do incêndio, a menina escondeu uma caixa de fósforo no bolso do menino para incriminá-lo. Como resultado, o primo Leo foi severamente punido tanto pelos pais quanto pela avó Julieta. Temendo o que Violeta poderia inventar a seu respeito, Henrique aceita o contrato.

Essa imposição de Violeta pode ser entendida como uma introdução à submissão ao qual Henrique será imputado durante a obra. Diferente da situação dos garotos, que utilizaram as figuras “pau” e “pedra” para levá-lo a um “não-querer”, Violeta recorre à persuasão, afirmando o seu poder de manipular a família por meio da intimidação, convencendo-os de que, caso Henrique não fosse punido pelas acusações que ela criaria, futuramente, ele não conseguiria discernir o que é certo ou errado. Diante disso, Henrique percebe que a violência não se restringe a algo físico e que uma pessoa pode influenciar a percepção do “outro” sobre o negro, levando-o a um querer sancioná-lo negativamente. Esse processo impacta a identidade de Henrique, pois passa a aceitar passivamente a submissão, não apenas pela imposição da força, mas pelo medo de novas violências. A exposição constante a esse tipo de exploração pode ter desencadeado, em Henrique, a marcação de submissão quanto às violências para seu sujeito, o que o coloca sempre na posição de inferioridade, e o “outro”, na de superioridade.

Neste caso, a relação entre superioridade e inferioridade não está ligada às questões raciais diretas, mas abrange as dinâmicas sociais num contexto mais amplo.

Tendo em vista que o bairro é tido como violento e periférico, os residentes se adaptam ao comportamento de submissão, assim, replicando-os entre os demais moradores. Essa dinâmica pode ser compreendida por alocar, em sua maioria, moradores negros. Estes, sem poderem ou terem meios diferentes para se relacionarem, manifestam, também, a opressão como forma de obter aquilo que lhes é necessário, através da força, seja ela física ou psicológica.

O abuso sexual sofrido por Henrique é percebido por meio de traços sensoriais advindos do paladar e do tato. Ao sentir a língua de Violeta em sua boca, Henrique é tomado por uma grande repulsa e nojo, que o fazem querer vomitar. O narrador, ao empregar as figuras discursivas “pinto” e “periquita”, que remetem, respectivamente, aos órgãos genitais masculino e feminino, apresenta a situação de forma infantilizada, reforçando que ambos não tinham conhecimento e domínio sobre o próprio corpo e sobre o que estava acontecendo. Essa ideia é reforçada quando o narrador afirma que Henrique, ao fazer o que lhe foi ordenado, ou seja, beijar a “periquita” de Violeta, “não tinha a mínima noção do que estava acontecendo ali”, reafirmando sua repulsa perante essa situação. Este acontecimento tem grande impacto na narrativa, pois faz com que Henrique passe a se submeter a diferentes tipos de manipulação e violência, para preservar sua integridade física e não ser punido negativamente.

Essa repulsa ao ato a que foi submetido ocorre, primeiramente, por Henrique considerar inapropriada a ação de ser reproduzida com um parente; segundo, por estar sendo impelido a fazer tais coisas e terceiro, por Henrique já demonstrar, desde criança, possuir alguma competência crítica, que poderia pender para um senso de “fazer o certo”, logo esse seu senso do dever-ser o acusava, porém, essa crítica pessoal não era forte o bastante para vencer e se opor às pressões de Violeta.

Essa situação repercute na fase adulta, pois ele sempre se encontrava indefeso à pressão de poder do outro. Em situações, como o roubo da bola, estavam presentes vários garotos armados e, no abuso sexual, sua prima detinha o poder de culpar e inventar história, assim, sua criticidade sinalizava que ele não seria capaz de vencer, ou que os riscos poderiam ser maiores do que apenas ceder.

A violência sexual também é percebida no enunciado de estado “toda vez que ela te levava para o quarto, você já sabia que não podia dizer não”. A expressão “toda vez” indica que o abuso não foi um episódio isolado, mas algo recorrente, que contribuiu no desenvolvimento de um ciclo de abusos e opressão. A figura locativa “quarto” que, em alguns casos, simboliza a privacidade e a intimidade, neste contexto,

é compreendida e associada por Henrique como o espaço de vulnerabilidade, de violência e de submissão.

Além da violência sexual, Henrique também sofre a violência psicológica. Por meio da ameaça de que inventaria uma história contra Henrique, Violeta afirma a incapacidade de ele conseguir se desvencilhar dos abusos. Isso reflete na maneira como Henrique se posiciona em situações semelhantes, visto que, por não saber-fazer, Henrique torna-se passivo à violência e apenas a aceita, colocando-se na posição de sujeito manipulado.

A situação familiar se agrava quando Henrique conhece Zé Carlos, um dos irmãos da sua mãe. Zé Carlos era Policial Militar e, sempre que chegava à casa de Julieta, ele exibia sua arma e a colocava em cima da estante. Essa ação sinaliza o poder e a opressão que o tio possuía, representando o quanto ele podia ferir o outro, sem defesa e sem o poder igual ou maior ao dele. Essa atitude de Zé Carlos revelava não apenas sua posição de autoridade, mas também seu poder de intimidação que exercia sobre os familiares. Com isso, ele conseguia prender a atenção de todos. Ademais,

Zé Carlos se gabava de haver matado um vagabundo, como ele mesmo dizia, que tentou assaltá-lo certa vez. Mesmo que a investigação do caso tivesse apontado indícios de que não houve assalto e que seu tio, na verdade, estava envolvido com tráfico de armas e drogas, isso nunca foi provado, porque seu tio conhecia certas pessoas da polícia e isso facilitou o arquivamento do processo; então, ele sempre repetia a mesma história de que havia sido assaltado (*Ibidem*, p. 97).

Nesse trecho, Zé Carlos se envaidece por ter matado um “vagabundo”. Este termo condensa tanto o ator (uma pessoa sem nome e identidade específica) quanto o estado que lhe é atribuído (ser marginalizado, desumanizado). Esse termo é usado para justificar o ato violento e criminoso do tio. Assim, ele projeta a imagem de que tem não só uma boa conduta, mas que é um homem íntegro, justo e que age conforme a lei.

A construção da imagem de Zé Carlos ocorre por meio da oposição com a figura do “vagabundo”. Com o emprego desse termo, Zé Carlos separa a sua identidade, visto como homem íntegro, do “outro”, marginalizado e inferior. Com efeito, Zé Carlos não só projeta no “outro” atributos de desordem e associação com as práticas ilícitas (assalto), mas também reafirma para si e para as pessoas efeitos de valores de justiça.

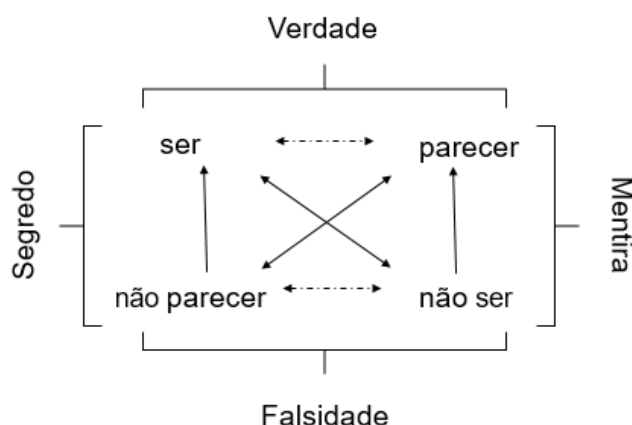
Entretanto, o narrador revela o envolvimento de Zé Carlos com o tráfico de armas e drogas, o que rompe com a imagem de integridade e de justiça que ele tentou

construir e, também, expõe a ligação de membros responsáveis pela segurança pública com as práticas ilícitas. Além disso, o arquivamento do caso de assassinato, possibilitado pela ajuda de outros policiais afirma a impunidade dentro das corporações policiais, como também da corrupção policial.

Zé Carlos, ao narrar, de forma heroica e repetitiva, o assassinato de uma pessoa, promove um fazer-persuasivo, levando os familiares a “crer” que ele possui valores positivos que sustentam a integridade dele tanto como sujeito, membro da família, quanto como profissional, policial. Dessa maneira, um contrato é estabelecido por meio da manipulação por intimidação: caso sua autoridade não fosse respeitada e temida, Zé Carlos poderia sancionar negativamente as pessoas, levando-as a entrar em disjunção com a vida, pois, ele possuía o poder-fazer que é concretizado pela figura “arma”.

Ancorado no quadrado veridictório, compreende-se que os familiares interpretam as ações de Zé Carlos como verdadeiras – ele parece um policial justo, que pune negativamente as pessoas consideradas “incorretas”. Porém, Henrique percebe que o tio não é o que parece, caracterizando, assim, uma mentira. Vê-se como a relação entre “ser” e o “parecer” estão dispostas no quadrado veridictório a seguir:

Quadro 1 - Quadrado semiótico das modalidades veridictórias de Zé Carlos



Fonte: Adaptada de Greimas e Courtés (2016, p. 532)

Além do fato de o tio estar envolvido com o tráfico de armas e drogas, o narrador apresenta outro fato que sustenta essa mentira (o que parece e não é) criada por Zé Carlos. Em uma das reuniões familiares, Sônia, esposa de Zé Carlos, descobre uma traição do marido. Com raiva da quebra de contrato matrimonial, em que ambos firmam o compromisso de obedecer os valores de lealdade, respeito, fidelidade e

assistência, Sônia segura uma faca e diz que vai matar o marido, proferindo a seguinte sentença: *“seu filho da puta, que eu sei que você tá me traindo com aquela piranha branca. Você acha que sou idiota? O cabelo loiro dela não é melhor que o meu, seu babaca”* (*Ibidem*, p. 97, grifos do autor).

Nesta fala, o emprego do termo “branca”, associada ao adjetivo “piranha”, introduz no discurso a questão racial. Sônia não apenas busca desvalorizar a amante, como também apresenta a preferência do homem por mulheres que possuem características esteticamente valorizadas na sociedade, como “cabelos loiros”, o que poderiam tornar Sônia inferior aos olhos do marido. No último trecho desta passagem, a interlocutora faz uma comparação entre ela (mulher negra) e a amante (mulher branca). Com isso, a interlocutora busca não ocupar o lugar de desvalorização e inferioridade que a própria sociedade a coloca ao valorizar essas características físicas da mulher branca.

Diante disso, o narrador expõe que Henrique presenciou o momento em que o tio pegou a arma, apontou para a esposa e

[...] apertou o gatilho. E você fechou os olhos e pôs as mãos nos ouvidos e ficou gritando: *para, para, para, eu não quero mais isso, chega, chega, chega*. Após o estampido você abriu os olhos e viu seu tio dizer: *não aconteceu nada, porra, para de gritar, guri*. E logo depois viu sua tia largar a faca e ir se agachando num canto como se fosse uma criança, e talvez ela fosse mesmo uma criança naquele momento, porque sempre nos tornamos infantis diante do desespero e da humilhação. Ao lado dela você observou que havia um burquinho no chão, no lugar por onde a bala passou. A Brigada Militar veio quando os vizinhos chamaram. Mas seu tio, como eu disse, era da Polícia Civil, então tudo ficou certo, e ele alegou que tinha sido só *um mal-entendido familiar, uma briguinha entre marido e mulher*, ele disse (*Ibidem*, p. 98, grifos do autor).

Diferente de Zé Carlos, que possui um poder-fazer, mediante a associação à figura “arma”, Sônia é dotada de um querer-fazer, que remete a seu desejo de punir negativamente seu marido pelo adultério. Para isso, toma posse da “faca”. No entanto, ao atirar contra a esposa, Zé Carlos neutraliza o querer-fazer dela e reforça sua autoridade sobre a mulher. Essa ação constrói a imagem do homem como um ser autoritário e forte, enquanto a mulher é marcada pela fragilidade e incapacidade, sendo associada a uma criança, que não sabe se defender perante tamanha violência, desespero e humilhação.

Davis (2013), ao abordar a posição da mulher negra escravizada na sociedade, apresentou perspectivas de desvalorização e equiparação ao masculino. Enquanto o homem escravizado era reduzido a um objeto de trabalho móvel, a mulher negra, além

dessa condição, também era vista como uma produtora de novos escravos. Essa posição gerava para a mulher coações sexuais que, conforme aponta a autora, tornava a exploração sexual ainda mais severa, resultando em um sistema cultural de submissão. Nesse sentido, mesmo após a abolição da escravatura, essas condições de tratamento não foram eliminadas. A sociedade branca preservava a ideia mulher como uma figura “frágil/dona de casa”, o que permitiu a continuidade da opressão contra a mulher negra. Nesse sentido, Zé Carlos pode ser visto como uma figura representativa desse sistema, que, a partir do poder e da violência, impõe à mulher a condição de abuso e de exploração, possuindo seus direitos reduzidos ou neutralizados.

Na fala de Henrique, o verbo “chega” assume o mesmo sentido do verbo “para”, e a repetição destes, na sentença, intensifica em alto grau a sensação de medo, de desespero e do desejo desenfreado de interromper a situação, manifestando o querer-fazer do menino. Em “eu não quero mais isso”, Henrique exterioriza não apenas sua incapacidade de lidar com o episódio em específico, mas também o seu esgotamento mental proveniente de todos os abusos físicos e psicológicos testemunhados e sofridos, que roubaram o seu querer-fazer, levando-o a aceitar as violências de forma passiva.

Com os gritos do menino, o tio declara: “não aconteceu nada, porra, para de gritar, guri”. Na primeira oração, o vocativo “porra” que, nesse contexto, remete ao menino, possui carga depreciativa, e Zé Carlos não apenas expressa sua raiva, mas também chama a atenção do menino para que perceba que “nada aconteceu” e pare de gritar. Essa afirmação demonstra que Zé Carlos possui o total controle sobre a situação e que, embora possuísse o poder-fazer, não pune negativamente a esposa, restringindo-se apenas a reforçar a sua posição de autoridade.

Na segunda oração, o verbo “para”, no imperativo afirmativo, indica uma ordem direta e imediata do tio, enfatizando sua postura autoritária e intimidatória. Por meio dessa sentença, compreende-se que o interlocutor busca minimizar a percepção de Henrique sobre o ocorrido, promovendo a normalização da violência e invalidando os sentimentos de Henrique.

Em seguida, o narrador retoma a temática da impunidade de membros policiais. Com a chegada da Brigada Militar, Zé Carlos, por meio de contatos pessoais com outros policiais, consegue persuadir os vizinhos, afirmando que se tratava de “só um mal-entendido familiar, uma briguinha entre marido e mulher”. Os termos “mal-

entendido” e “briguinha” são utilizados na tentativa de suavizar a situação e minimizar os efeitos.

Entende-se que “mal-entendido” sugere a interpretação equivocada por outra pessoa, o que, nessa situação, serve para negar a acusação da mulher sobre o adultério do marido, reafirmando a posição de Zé Carlos como homem íntegro e correto. Por sua vez, o ato designado de “briguinha”, no diminutivo, reforça a ideia de que foi algo pequeno, reduzindo a importância e a gravidade do ocorrido. Dessa forma, Zé Carlos protege-se das consequências de seus atos, pois possui a competência para um poder-fazer, resultando na sua posição de autoridade. Diante disso, Henrique reconhece que sua família não possui estabilidade e a segurança para protegê-lo fisicamente e emocionalmente, o que o torna mais vulnerável e suscetível a aceitar às manipulações e a violência.

No dia seguinte, apesar das reclamações da mãe de que iria se atrasar para a escola, Henrique só conseguiu observar o pequeno buraco no assoalho, resultado do tiro disparado pela arma do tio. Durante toda a aula, Henrique não parava de pensar em toda aquela violência: os gritos da tia, as ameaças, o “buraquinho no assoalho” (*Ibidem*, p. 98). “Buraquinho” é um substantivo no diminutivo, que remete à ideia de algo pequeno e insignificante. Porém, observa-se que, para Henrique, este pequeno buraquinho, percebido pelo traço visual, parece carregar um significado profundo.

Segundo o Dicionário On-line de Português⁶, o assoalho é feito de diferentes tipos de materiais e serve para revestir o piso. Além da característica estética, o assoalho é um elemento de base na construção de algo sólido e destaca-se por sua durabilidade e resistência. O “buraquinho”, proveniente do tiro da arma, indica a ruptura de algo que deveria ser sólido, estável e seguro (assoalho). Em analogia com a família, o assoalho pode ser visto como o alicerce afetivo que sustenta os integrantes do grupo familiar, oferecendo segurança física e emocional. Entretanto, o surgimento de rachaduras e buracos revela o rompimento com as ideias de segurança e proteção, evidenciando a fragilidade das relações familiares. Em outras palavras, Henrique, mesmo com pouca idade, compreende que não possui o apoio familiar esperado. Assim, mesmo possuindo um “querer-fazer”, é induzido e manipulado a um “não-

⁶ DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Assoalho. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/assoalho/>. Acesso em: 1 jan. 2025.

querer-fazer”, sendo obrigado a ocupar a posição de inferioridade e incapacidade diante da violência.

Esse sentimento é intensificado no percorrer das aulas. No intervalo, Henrique sentiu fortes dores no estômago, mas não estava com fome. Na aula de ciências, esse sentimento de impotência toma maior proporção quando o professor anuncia para a turma que o sol irá explodir.

Esta informação, embora resulte de um acontecimento distante e incerto, provoca em Henrique o mesmo sentimento gerado pelo “buraquinho” no assoalho. Em ambas, Henrique reconhece sua incapacidade de reagir e mudar o curso das coisas, o que o obriga apenas a aceitar a realidade. Diante do “buraquinho”, Henrique compreende que pode ser punido negativamente pelas pessoas, até mesmo por quem deveria protegê-lo e, para que isso não aconteça, interpreta e aceita ser manipulado pelo destinador. Porém, com a notícia dada pelo professor, ele percebe que não há nada que possa fazer para que não seja sancionado negativamente, pois a explosão do sol, um evento cósmico, remete-se à certeza de que Henrique iria, um dia, entrar em disjunção com a vida e não teria ninguém que o ajudasse a escapar disso, igual à violência presente dentro de casa. Com isso, Henrique teve seu primeiro ataque de ansiedade, advindo do não saber qual dessas situações era a pior.

Henrique, frequentemente, sentia dores no estômago, porém, teve que se acostumar com elas desde o dia que tomou consciência de sua existência. Com o abandono do pai, a mãe de Henrique foi obrigada a deixá-lo em uma creche, pois havia arrumado um emprego em uma padaria. Segundo o narrador,

Suas primeiras lembranças da infância têm a ver com banhos. Lembra de sua mãe te orientando embaixo do chuveiro. Que *você já está grandinho*, que *precisa saber lavar direito seu pinto, sua bunda e atrás da orelha*. Você ri, pois sua mãe tinha um jeito engraçado de falar essas coisas. E em breve você se dará conta de que rir não será uma tarefa muito fácil. Chorar também não é uma ação que você poderá exercer com frequência. Muito cedo aprenderá que o seu pranto vai enfraquecer sua mãe. Então você vai evitar. Vai chorar para dentro. Você e sua mãe viverão numa espécie de solidão mútua (*Ibidem*, p. 69, grifos o autor).

Este excerto inicia-se com a descrição da infância de Henrique, em que ele estava em conjunção com o objeto-valor *afeto*, fruto de sua mãe que demonstrava cuidados para com o filho, o que resultava na alegria e felicidade dele. Porém, há uma transformação na narrativa que leva Henrique a entrar em disjunção com o objeto-valor.

Na fala do ator (mãe), o adjetivo “grandinho”, no diminutivo, qualificando o sujeito “você” (Henrique), indicando que este já possui idade suficiente para aprender certas coisas na vida, como, por exemplo, saber-fazer a sua higiene básica, que consiste na ação de “lavar direito o pinto, sua bunda e atrás da orelha”. No entanto, o menino passa a entender que não basta apenas saber-fazer isso, mas, também, saber esconder sua dor, pois “seu pranto vai enfraquecer sua mãe”. Por isso, ele evita expressar seus sentimentos e dores e “vai chorar para dentro”, ou seja, ele reprime as emoções por causa da situação familiar, pois compreende que sua mãe, além de não possuir suporte afetivo da própria família, também não o tem do marido, que a abandonou, e, para não causar mais sofrimento nela, Henrique evita mostrar suas fraquezas e necessidades.

Diante disso é criado, metaforicamente, um abismo entre ambos. A mãe reprime suas emoções para sustentar a imagem de força e segurança para o filho, e Henrique, por sua vez, ao perceber esse esforço da mãe, passa a exercer um “não-querer” demonstrar seus sentimentos, temendo causar-lhe mais preocupações. Henrique reprime suas emoções, pois teme sobrecarregar sua mãe com algo que possa ser insignificante, em comparação com as outras dificuldades enfrentadas por ela.

Antes dos quatro anos de idade, a única memória que Henrique possui sobre dor são as cólicas. Somente aos quatro anos de idade, o menino conhece a dor física e dilacerante provocada pelas professoras da creche em que estudava. O narrador afirma que:

Talvez não seja possível dizer que sua fobia de dor tenha começado ali. Mas foi aos quatro anos que você tomou consciência plena dela. Tomou consciência da trajetória da dor: da demora em senti-la depois do ato traumático, porque a dor nunca é instantânea. A dor ressoa. Pulsa no ritmo agudo dos batimentos cardíacos. Toda a sua vida se resume naquele pedaço do seu corpo que agora grita. Na hora você não sabia, mas mais tarde saberá que aquela dor foi provocada. Saberá que as professoras da creche prenderam seus dedos na porta apenas por maldade. Queriam ver até onde você aguentava. E no fim, também mais adiante, encontrará pessoas dispostas a saber até onde você vai. Até onde você suporta (*Ibidem*, p. 70).

Analisando as marcas da enunciação à luz da sintaxe discursiva, observa-se que, neste trecho, o narrador realiza escolhas de tempo e espaço para evidenciar que a dor é algo que reverbera ao longo de toda a narrativa do personagem.

A primeira frase inicia-se com o advérbio de dúvida “talvez”, que cria o efeito de incerteza sobre o momento exato em que Henrique passa a ter fobia de dores,

porém, essa ideia é transformada pela locução verbal “tenha começado”, composta pelo verbo “ter”, no presente do subjuntivo, e pelo verbo “começar”, no pretérito perfeito. Considerando os estudos de Fiorin (2008), é possível classificar o verbo “começado” como pertencente ao pretérito perfeito, uma vez que, segundo o autor, ocorre uma “concomitância em relação a um marco temporal pretérito” (*Ibidem*, p. 61). Isso significa que a ação de começar a ter fobia da dor está inserida dentro de um momento de referência do pretérito.

O emprego do advérbio de lugar “ali” indica não uma localização espacial, mas a falta de precisão temporal, indicando “naquele momento”. Essa embreagem temporal ganha destaque ao ser usada a expressão “aos quatro anos”. Os verbos “é”, “ressoa”, “pulsa”, “resume” e “grita”, no presente do indicativo, assinalam certa proximidade na fala do narrador para a cena enunciativa ao caracterizar dor. Fiorin (2008) explica que o enunciador escolhe este tempo verbal porquê “quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito 2, o que se faz é aproximar o que se disse do momento da enunciação, para, de certa forma, reviver os fatos” (*Ibidem*, p. 74). Assim, o enunciador se transporta para o momento específico do passado, reconstruindo e descrevendo com vivacidade os acontecimentos, como uma forma de mostrar que o sentimento causado por este momento traumático repercute no presente (agora).

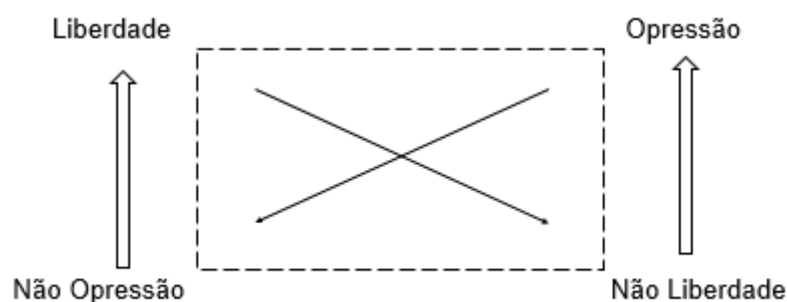
Nas últimas frases que compõem esta passagem, percebe-se que o narrador faz um jogo de escolhas verbais, tais como os verbos: “sabia” e “aguentava”, no pretérito imperfeito; “saberá” e “encontrará”, no futuro do presente; “queriam” e “prenderam”, no pretérito perfeito; e “suporta”, no presente do indicativo. Essas escolhas são fundamentais para a construção do sentido. Diante disso, compreende-se que, aos quatro anos, Henrique possuía uma ingenuidade que o impedia de entender que aquela ação de prender os seus dedos na porta, causada pelas professoras da creche, não foi algo accidental, mas, sim, intencional, com o objetivo de testar seus limites.

Ao descobrir que a dor que havia sentido foi provocada e que outras pessoas, futuramente, também iriam querer explorar seus limites, Henrique passou a evitar qualquer tipo de dor. Essa visão de que outras pessoas exerceriam um “poder-fazer”, que culminaria em uma punição negativa, leva Henrique a adotar uma postura de exclusão. No entanto, “com o passar do tempo tinha a impressão de que as possibilidades de sentir dor iam se ampliando e limitando sua liberdade” (*Idem*).

Empregando a estrutura narrativa, é possível perceber que Henrique busca entrar em conjunção com a liberdade de “ser”, que é comparada a alguns momentos de sua infância, como “quando você corre, quando você pula, quando você brinca, você não tem medo. E, às vezes, na fase adulta você sonhava em recuperar aquele sentimento ingênuo, sem fobias e sem receio” (*Idem*). Porém, ele não possui o poder-fazer, pois, além da opressão, o medo de ser sancionado negativamente paralisa-o.

A narrativa de Henrique, considerando seu estado inicial de “não-saber” o motivo de alguns episódios se restringirem apenas a ele e a outras pessoas negras, pode ser interpretada a partir da oposição semântica /liberdade/ *versus* /opressão/, como apresenta o quadrado abaixo:

Quadro 2 - Quadrado semiótico /liberdade/ *versus* /opressão/



Fonte: Quadro semiótico adaptado de Floch (2001, p. 20).

Henrique, mesmo adotando a postura de exclusão, compreende que as ações do outro não é algo que ele possa controlar e, por isso, não consegue escapar do ciclo de opressão a que o sentimento da dor, do medo e do desespero são persistentes.

No segundo capítulo de “A pele”, Pedro relata que Henrique, ainda aos quatorze anos, foi perseguido por outros jovens após ser acusado de roubar o boné de um deles. Dominado pelo medo do que a situação poderia lhe causar, Henrique foge e se esconde dentro de uma igreja. No entanto, os garotos acabam encontrando-o e,

Em instantes vieram todos para cima de você. Socos e chutes na cabeça, na barriga e no rosto, até você começar a sentir o gosto enjoativo do sangue. Você não ofereceu nenhuma resistência, apenas se colocou em posição fetal e tentou dizer: eu não fiz nada. Depois começou a perder os sentidos. Então alguém sacou uma arma e apontou para a sua cabeça, você ainda pode ouvir um deles gritando: *nós vamo te passar, neguim, tu vai morrê agora, neguim* (*Ibidem*, p. 18, grifos o autor).

Para abordar sobre a violência contra o negro, o narrador apresenta as figuras “socos e chutes na cabeça, na barriga e no rosto”, “gosto enjoativo do sangue”, “ouvir um deles gritando”, que são percebidas por Henrique, respectivamente, através dos traços sensoriais tátil, paladar e audição. Além desses traços sensoriais, que intensificam a violência da cena, a oposição semântica /opressão/ *versus* /liberdade/ também fica evidente quando Pedro descreve que Henrique “não ofereceu nenhuma resistência” e que seu único modo de proteção foi se colocar em “posição fetal”, mostrando a vulnerabilidade e a impotência do negro diante tal crueldade.

Neste trecho, o racismo é abordado quando o interlocutor, ao empregar a palavra “neguim” de forma pejorativa, reforça não só a inferioridade do negro, mas também a sua figura desumanizada e marginalizada. Com isso, o interlocutor afirma sua posição de superioridade sobre o negro, evidenciando as desigualdades raciais existentes na sociedade.

Após ser salvo por um dos pastores da igreja, Henrique foi levado algemado para a delegacia. Durante o percurso, o narrador destaca que “ao seu redor, pessoas te xingavam e te chamavam de ladrão e ainda diziam que daquela você não escaparia” (*Ibidem*, p. 19). O uso da palavra “ladrão” associada ao negro, além de criar o efeito de sentido de generalização do negro com as práticas ilícitas, também apresenta o preconceito contra o negro. Jones (1972, p. 3 *apud* Lima, 2023, p. 408) expõe que

O preconceito é uma atitude negativa dirigida a uma pessoa ou a um grupo, que resulta de uma comparação social na qual o indivíduo (preconceituoso) ou o seu grupo de pertencimento é tomado como referência positiva. A manifestação comportamental do preconceito é a discriminação – as ações realizadas para preservar ou criar vantagens de um grupo em detrimento dos membros do grupo de comparação.

Para psicologia social, o preconceito não é apenas o pré-julgamento concebido, por vezes, de forma irracional e inconsciente, mas é um reflexo dos valores dos grupos sociais. No excerto acima, o preconceito surge de forma intencional para justificar as diferenças raciais e para manter a hierarquia social, em que o homem branco permanece no lugar de prestígio, em contrapartida, o negro é oprimido e desvalorizado.

Mesmo tentando evitar a dor, Henrique se esquece de que ela não é causada apenas por terceiros, mas é algo que pode surgir e afetar camadas internas. Aos dezoito anos, Henrique descobre que tem uma ferida de meio centímetro no

estômago. A situação se agrava, pois ele não possui plano de saúde e nem dinheiro. Com isso,

Você então lembra da primeira endoscopia que fez, sem anestesia, num hospital público de Porto Alegre. Te deram um comprimido que apenas deixou metade da sua língua dormente. Depois enfiaram pela sua boca um caninho pouco mais grosso que um canudo, de mais ou menos dez centímetros de comprimento. Você pensou que ia morrer sufocado. Enquanto seu estômago era exibido na telinha de um aparelho, você lembrou as doze horas de jejum que tivera de fazer até te botarem numa maca e te mandarem esperar por mais duas horas, num corredor. Você estava a ponto de desmaiar e não sabia se de fome ou de fraqueza, pois sua úlcera não te deixava comer, não te deixava beber e nem dormir (*Ibidem*, p. 17).

Este episódio também demonstra a angústia intensa ocasionada pela úlcera. A descrição do aparelho do exame como semelhante a um “caninho”, substantivo no diminutivo, “de mais ou menos dez centímetros”, pode ser associada ao tiro que perfurou o assoalho da casa da avó. Ambas as figuras, o cano e a bala, apesar de pequenos e aparentemente insignificantes, carregam um potencial de dor e incômodo tão intensos que são capazes de levar o sujeito a entrar em disjunção com a vida.

A dor ocupa uma posição simbólica na vida de Henrique. Na última sentença que compõe este trecho, percebemos que há uma personificação da dor, visto que ela possui o poder-fazer de sancionar negativamente o personagem, levando-o a adotar um não-poder e um não querer, pois, a dor “não te deixava comer, não te deixava beber e nem dormir”. A dor projeta, em Henrique, sentimentos e sensações tão avassaladoras que limitam a sua vida, alterando seu modo de ser, agir e estar em conjunção com o que deseja.

Para não entrar em disjunção com a vida, Henrique se sujeita a um processo invasivo: a endoscopia. Nessa passagem, o narrador expõe o sacrifício ao qual Henrique se submeteu para solucionar o problema e, assim, evitar consequências maiores provenientes da dor. Henrique passou doze horas em jejum e esperou mais duas horas, em um corredor do hospital, até que o procedimento fosse realizado. Ademais, o comprimido administrado não fez o efeito esperado, anestesiando somente “metade da língua”, o que permitiu que ele experimentasse todas as sensações do exame de forma cruel e dolorosa. Diante disso, observa-se que o narrador denuncia e explora a temática da precarização do sistema público de saúde, marcada pela demora no atendimento e pela utilização de recursos ineficientes. Assim, a resistência do negro não sucumbe aos diversos tipos de dor. A falta de cuidado adequado no hospital e a negligência no tratamento da úlcera evidenciam a

vulnerabilidade do negro em espaços públicos, onde a dor dessas pessoas muitas vezes é naturalizada e ignorada.

Aos dezenove anos, Henrique é convocado para uma entrevista de emprego. Nessa entrevista, ele se depara com o empresário Bruno Fragoso que, ao observar o garoto, afirmou que não gostava de negros. Henrique não esboçou nenhuma reação, enquanto Bruno

[...] se ajeitou melhor na cadeira e justificou: *não gosto porque, quando eu tinha um sítio em Garibaldi, um casal de negros, que trabalham para mim como caseiros, me roubou. Levaram tudo que eu tinha na minha casa. Desde então, não confio mais em negros* (*Ibidem*, p. 20, grifos do autor).

A justificativa apresentada pelo interlocutor (Bruno) baseia-se em uma experiência pessoal, porém, ao utilizar “não gosto”, “casal de negros” e “roubou”, Bruno generaliza e associa o negro com a prática ilícita do roubo. Por meio dessa justificativa, o empresário busca validar seu preconceito, negando que o racismo seja algo estrutural, mas que ocorre como uma consequência da situação.

Segundo o narrador, Henrique nunca havia sofrido racismo de forma tão nítida e, por não ter conhecimento sobre a gravidade da situação do negro na sociedade, não expressa nenhuma reação, aceitando ser inferiorizado e julgado negativamente por algo que não cometeu. Por meio desse acontecimento, Henrique percebe que sua imagem como homem negro depende, de certa forma, da validação do outro, que pode lhe atribuir valores positivos ou negativos, o que interfere e influencia na construção da identidade do negro.

O racismo, o preconceito e a violência são temáticas introduzidas na vida de Henrique desde a infância que moldam não só suas experiências individuais, mas também refletem e ajudam na construção da identidade do negro, visto que esses temas se propagam e afetam outros aspectos de sua vida, como as relações amorosas, o trabalho e a abordagem policial.

4.1.1 O negro e as relações amorosas

As questões raciais penetram as relações afetivas do protagonista. Henrique toma consciência de sua posição como homem negro dentro da sociedade no seu primeiro relacionamento com Juliana: uma moça ruiva, moradora de Gravataí – cidade metropolitana de Porto Alegre.

Ao andar de mãos dadas com Juliana, pelas ruas de Porto Alegre, Henrique percebeu os olhares das pessoas que, por vezes, eram acompanhados de falas racistas. O narrador descreve duas situações: na primeira, “vendedores ambulantes dizendo, à boca pequena, que ela só poderia estar com você por dinheiro. Pois *uma branquinha daquelas com um neguinho desses, ha ha, não podia ser*” (*Ibidem*, p. 28), na segunda, quando Henrique entrava sozinho em uma loja e era tratado com desconfiança, porém, com a presença de Juliana, esse tratamento era convertido para mascarar ou atenuar o preconceito: “*uma mulher branca com um negro, ele deve ser um bom homem*” (*Ibidem*, p. 30).

Na primeira frase, a expressão “à boca pequena” indica que os vendedores proferiram essas falas preconceituosas em voz baixa, para que não fossem ouvidas por terceiros. Entretanto, o narrador expõe uma dessas falas, em que um deles utiliza os adjetivos “branquinha” e “neguinho”, no diminutivo, para qualificar e agregar, respectivamente, valor positivo à Juliana, e valor negativo a Henrique. Desse modo, percebe-se que esses termos são figuras que carregam conotações racistas, visto que sustentam a temática da desvalorização do negro em relação ao branco e que essa relação afetiva entre as raças só seria possível mediante os interesses materiais.

Na segunda sentença, os vendedores projetam sobre o negro um “dever” de ser um bom homem. Essa projeção se justifica pela presença da mulher branca, que funciona como um elemento de validação social, reafirmando a valorização da branquitude. Além disso, a presença da mulher branca também diminui as suspeitas de que poderiam ser direcionadas ao negro, como, por exemplo, a associação estereotipada do negro com a prática ilícita do roubo. Nesse contexto, as figuras “mulher branca”, “negro” e “bom homem” abordam o tema do papel central da branquitude, representado por Juliana, na validação social do negro. Essa legitimação pela mulher branca altera a percepção dos vendedores, levando-os a crer que Henrique é um homem bom e confiável.

Essas questões raciais não se limitavam às ruas de Porto Alegre. Ao conhecer a família de Juliana, Henrique reconheceu o uso de termos, como, por exemplo, “negão”. Diferentemente do espaço público, em que o racismo se manifestava por meio de olhares desconfiados e de comentários maliciosos, no contexto familiar, o uso desse termo carregava uma certa intimidade e aceitação. Em pouco tempo, Henrique

[...] não só passou a ser o negão da família, como também passou a ser um espécie de para-raios de todas as imagens estereotipadas sobre os negros:

pois disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que devia jogar bem futebol, que os negros são bons no atletismo. *Você não corre?* Que os negros são ruins como nadadores, *já viu algum negro ganhar medalha olímpica na natação?* Agora, *olhem lá nas corridas. Vocês ganham tudo. É porque desde cedo aprendem a correr dos leões na África, não vê como aqueles quenianos sempre ganham a São Silvestre* (*Ibidem*, p. 29, grifos do autor).

Analisando o fragmento “passou a ser o negão da família”, a figura “o negão” remete-se ao ator Henrique. O segmento “da família”, além de sugerir a tentativa superficial de intimidade entre ambas as partes, também cria a ideia de posse sobre o negro. Assim, “da família” reforça tanto as desigualdades entre as raças, quanto a ideia de posse, que o negro pertence ao “outro”.

Diante disso, a família de Juliana reforça em Henrique as imagens estereotipadas frequentemente atribuídas aos negros. A família ressalta, de maneira generalizada, as características físicas do negro, como ser “resistente à dor” e de que “a pele negra custa a envelhecer”. Além disso, lançam sobre ele valores modais de “dever” e “saber” sambar, gostar de pagode e jogar bem futebol, indicando qualidades indispensáveis que todo negro deveria ter.

Por fim, a família de Juliana faz uma comparação do negro em duas modalidades diferentes de esporte: natação e corrida. Na primeira, a família desqualifica o negro, apontando uma suposta incapacidade de um não “poder-fazer” e de um não “saber-fazer”, justificando-a pelo fato de que os negros nunca ganharam medalhas nas olimpíadas. Isso reforça a ideia de generalização, sugerindo que, caso um negro não alcance determinado patamar ou posição, significa que os demais também não possuem a devida capacidade para alcançá-la.

Na segunda, a família reconhece o “poder-fazer” do negro. No entanto, a família justifica essa sobremodalização de maneira sarcástica, tentando mascarar o preconceito e a generalização produzida sobre o negro. Segundo eles, os negros ganham as corridas “porque desde cedo aprendem a correr dos leões na África”. Essa argumentação constitui uma posição racista, pois sugere que todo negro, desde os primeiros anos de vida, aprende a fugir, concretizado pela figura “correr”, de coisas que têm o “poder-fazer” de levar o negro a entrar em disjunção com a vida que, nesse contexto, é figurativizado pelos “leões”.

Em contrapartida, ao conhecer a família de Henrique, Juliana não recebeu o mesmo tratamento “amigável” que sua família ofereceu a ele. As irmãs de Henrique possuíam conhecimento sobre a posição do negro no sul do país e, por isso, não

concordavam com o relacionamento do irmão. Entretanto, a mãe de Henrique pensava de forma diferente. Ao conhecer Juliana, a mãe “ficou olhando para aquela moça muito branca e já vislumbrando um neto mais clarinho, com o cabelo bom e traços mais finos. Livre de preconceitos, ela pensava” (*Ibidem*, p. 32).

Esse pensamento da mãe é a marca do imaginário social que práxis enunciativa convoca, inscrevendo o preconceito e o racismo como elementos que influenciam a visão do negro sobre si mesmo. Na descrição da moça como sendo “muito branca”, o advérbio de intensidade “muito”, associada ao adjetivo “branca”, não diz respeito apenas à cor da pele de Juliana, mas, sim, aos seus traços físicos que possuem valor eufórico na sociedade. O uso do verbo “vislumbrar”, no gerúndio, indica o desejo futuro da mãe de ter um neto com características que o associe aos brancos: sendo “mais clarinho”, “com o cabelo bom”, “traços mais finos”. Essas figuras não só ressaltam as características do branco, como também apresentam a desvalorização do negro sobre os seus próprios traços físicos.

Por meio das aulas ministradas pelo poeta e professor de literatura Oliveira Silveira⁷, Henrique “se deu conta de que ser negro era mais grave do que imaginava” (*Ibidem*, p. 33). O narrador descreve Oliveira como um professor que “usava cabelo black power. Barba grande. [...] que falava de Shakespeare e Ogum com a mesma intensidade e beleza” (*Ibidem*, p. 29). Essas características deixaram Henrique estupefato, pois, Oliveira foi o primeiro exemplo de resistência negra. O uso das figuras “cabelo black power” e “barba grande” indicam que o professor rompia os padrões tradicionais de beleza, impostos pelo branco. Além disso, o fato de falar sobre Shakespeare, um ícone do cânone literário ocidental, e Ogum, uma figura central da religião afro brasileira, mostra que o professor não tinha medo de ser, estar e agir e, por isso, não tinha medo da sanção negativa que o outros poderiam lhe impor. Conforme o narrador, Henrique, durante toda a narrativa, almeja entrar em conjunção com esse mesmo sentimento de liberdade, por isso, toma o professor como inspiração.

⁷ Oliveira Ferreira da Silva (1941-2009) foi professor, escritor, poeta e ativista negro brasileiro. Ele é amplamente reconhecido por sua atuação na valorização da cultura afrobrasileira e por ter sido um dos principais idealizadores do Dia da Consciência Negra, comemorado no dia 20 de novembro, em homenagem a Zumbi dos Palmares (MACHADO, Sátira. Quem foi Oliveira Silveira? **Matinal**. 2021. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/nossos-mortos/quem-foi-oliveira-silveira/>. Acesso em: 16 jan. 2025).

Henrique passou a compartilhar os novos conhecimentos com Juliana, o que rompia com o pensamento de ambos, pois “acreditavam que raças não existiam e que a humanidade era a única coisa que havia” (*Ibidem*, p. 29) e que isso não poderia afetar o relacionamento, visto que “o racismo não tinha nada a ver com o amor. O afeto transcende a cor da pele” (*Ibidem*, p. 28). No entanto, a percepção de Henrique sobre a cor da pele muda e ele passa a perceber como o racismo está arraigado na sociedade e como se manifesta na família da namorada. O narrador relata que

Um dia, o tio Sinval, percebendo o teu incômodo, te ofereceu cerveja e perguntou se você ficara ofendido com alguma coisa, se sim, que não ficasse, porque aquilo era só uma piada. Só uma brincadeira. *Em breve tu vai se casar com a minha sobrinha, vai ser da família. Tu não tem piadas sobre brancos? A melhor defesa é o ataque, filho. Tu deve saber alguma sobre brancos, não sabe? Diz aí.* Ele esperou alguma reação sua. Mas você não respondeu (*Ibidem*, p. 31, grifos do autor).

Nesta passagem, o personagem Sinval tenta apaziguar a situação, afirmando que os comentários preconceituosos e racistas da família eram só uma “piada” e “brincadeira”. Essas figuras são utilizadas pelo tio Sinval com o objetivo de não só desqualificar o desconforto de Henrique, como também inferiorizar a questão racial do negro, retirando a seriedade do assunto e normalizando o comportamento racista.

Sinval também tenta minimizar o incômodo de Henrique, afirmando que logo iria casar com Juliana e que, por isso, deveria adotar uma posição menos séria, o que o tornaria passivo ao racismo e cúmplice da família.

Diante disso, Sinval tenta igualar as experiências de um grupo minoritário, os negros, e reafirma o grupo historicamente dominante, os brancos. Contudo, essa tentativa é equivocada, visto que, mesmo que Henrique fizesse o que lhe foi ordenado: dizer alguma piada sobre brancos, isso não teria a mesma carga negativa e o peso histórico de opressão e violência que os negros sofreram e ainda sofrem. Henrique, por sua vez, não esboça nenhuma reação, o que pode ser interpretada de duas formas diferentes: como um “não-querer” causar uma má impressão para a família da moça ou como uma resposta automática a algo absurdo que ele não sabe como reagir.

As questões raciais passaram a ser motivo de briga entre o casal. Henrique expressou sua vontade de parar de ter contato com os tios de Juliana e declara que:

[...] não queria mais ouvir aquele bando de racistas te chamando de negão toda hora, e que você tinha um nome e talvez eles nem soubessem que seu nome era Henrique. Juliana não disse nada. Preferiu ficar quieta, porque não queria brigar. Ela estava magoada com o que você tinha dito dos tios. *Eles*

não são racistas, só não estudaram o que você estudou (Ibidem, p. 35, grifos do autor).

Esse excerto apresenta o desabafo de Henrique. Por meio do conhecimento adquirido nas aulas do professor Oliveira, Henrique compreende sua posição como homem negro no sul de Porto Alegre e, por perceber que há uma discriminação por parte da família de Juliana, passa a “não-querer” estar na presença deles. Além disso, Henrique também desempenha um “não-dever”, pois ele passa a ter consciência de que, pelo conhecimento, não poderia aceitar tal situação, visto que, para lutar pela liberdade do negro, não poderia se silenciar e se submeter a continuar vivenciando está situação. Ao afirmar que “tinha um nome”, Henrique reivindica a sua identidade e afirma que não é apenas uma imagem estereotipada e desumanizada.

A posição passiva de Juliana, que “preferiu ficar quieta” perante tal situação, é interpretada como um conflito interno entre apoiar Henrique, que está sofrendo racismo, e a vontade de evitar problemas com a própria família. Juliana tenta justificar a atitude dos parentes, afirmando que eles “só não estudaram o que você estudou”. Essa afirmativa reflete a ideia de que o racismo é uma questão de falta de conhecimento, o que nega que o racismo esteja estruturado nas mais diversas esferas sociais, econômicas, culturais e está ratificado historicamente. Ademais, essa afirmativa reforça a ideia de que o conhecimento poderia ser uma arma para compreender e combater o racismo, o que levou Henrique a “não-querer” estar na presença da família de Juliana. Após um longo desentendimento, o namoro terminou.

O narrador também expõe o relacionamento conturbado de Henrique e Martha, mãe de Pedro. Diferente de Juliana, Martha era uma mulher negra, porém, as questões raciais também atravessaram o relacionamento e interferiram nos afetos. A primeira discussão que tiveram aconteceu ainda na faculdade, pois, Martha não queria que Henrique tivesse contato com outras mulheres e, no fim, ele fez o que ela havia-lhe pedido. Segundo o narrador,

Na sua cabeça o namoro significava abrir mão dos outros para ficar apenas com ela. Então você abriu mão dos amigos, colegas e parentes. E você fez isso porque gostou da ideia de ser tudo que importava na vida dela. Minha mãe também não se importava de abrir mão das outras pessoas. Vocês se transformaram numa ilha. Você aceitou a barganha: ser o centro do mundo de alguém. Aceitou porque, talvez, você nunca tenha tido um afeto tão amplo (*Ibidem, p. 48*).

Percebe-se que há uma tentativa de manipulação por tentação. Martha, na posição de destinador/manipulador, oferece ao manipulado, Henrique, um objeto de

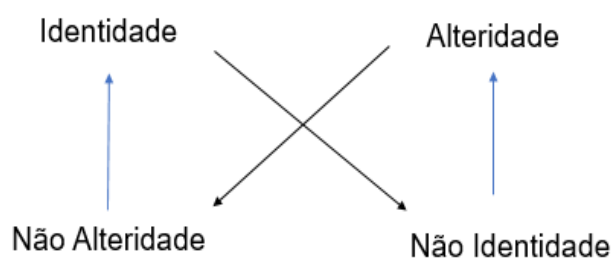
valor positivo: ser o elemento central de seu afeto. Diante disso, Henrique é levado a um “querer-fazer”, que consiste em abrir “mão dos amigos, colegas e parentes”. Em análise, essa ação de Henrique não apenas revela sua submissão e a busca pela segurança física e emocional que não teve na infância, mas, também, a garantia de ser fiel e leal a Martha.

O narrador, a fim de justificar a aceitação de Henrique neste contrato, afirma que ele nunca tinha experimentado “um afeto tão amplo”. Essa justificativa pode ser associada à infância do personagem, visto que ele vivia em um ambiente repleto de opressão e violência e, desde cedo, aprendeu a reprimir seus sentimentos e a viver isolado, pois compreendia sua incapacidade de poder-fazer e saber-fazer algo que o livrasse da punição negativa do “outro”.

Com esse acordo, o casal se transformou em uma “ilha”. O emprego desse termo é uma metáfora que sugere a ideia de isolamento social e solidão, uma vez que ocasiona o afastamento de ambos com outras pessoas. Esse uso também cria o efeito de autossuficiência, pois, Martha e Henrique supririam suas necessidades, que correspondem, respectivamente, à fidelidade e ao amor, sem a interferência de outras pessoas.

No entanto, esse contrato não abarca o verdadeiro desejo de Henrique: o de poder ser, estar e agir de forma genuína, sendo aceito na sociedade sem o medo da punição negativa do “outro”. Seu objetivo principal é entrar em conjunção com o objeto valor liberdade. Com isso, para se desenvolver de forma individual e social, Henrique necessita do “outro”, que exerce tanto o poder de sancioná-lo negativamente, como também de ajudá-lo, oferecendo possibilidades de superação e fortalecimento, validando e reconhecendo sua identidade. Essa relação está sustentada pela oposição semântica /identidade/ *versus* /alteridade/, conforme dispõe o quadrado semiótico a seguir:

Quadro 3 – Oposição Semântica /Identidade/ *versus* /Alteridade/



Fonte: Adaptada de Greimas e Courtés (2016, p. 401).

Com o tempo, Henrique percebeu que o relacionamento com Martha não supria todas as suas expectativas e que se tornar “ilha” não era seu foco, pois ele precisava do “outro” para vir a tornar-se parte de algo que o ajudasse a entrar em conjunção com o objeto valor liberdade e aceitação. O relacionamento de Henrique e Martha era marcado por conflitos recorrentes, que levavam a discussões intensas e, em alguns momentos, a separações temporárias.

No período em que estavam separadas, tanto Henrique quanto Martha se relacionaram com outras pessoas. O narrador descreve: “a cada transa, vocês se sentiam vazios e tristes. Como se pelo sexo vocês tentassem se curar do casamento fracassado” (*Ibidem*, p. 74). Nessa passagem, o narrador expõe a tensão entre o físico e o emocional, mostrando como o casal tentava, através do sexo, solucionar os problemas emocionais.

No entanto, o sexo entre Henrique e Martha carregava um outro significado. De acordo com o narrador, os sentimentos gerados pelo sexo entre o casal eram diferentes,

Parecia que o desejo nunca arrefecia. E por isso a volta sempre era boa, porque vocês passavam a acreditar que poderiam ser felizes novamente. E era dentro do sexo que vocês tentavam assegurar que os fatores externos não pudessem interferir na vida de vocês (*Ibidem*, p. 75).

O verbo “arrefecia”, no pretérito imperfeito do indicativo, sugere que o desejo físico que existia entre o casal não se esgotava com o tempo, o que facilitava a reconciliação. Esse desejo é figurativizado pelo sexo, que assume papel central na dinâmica do casal. O sexo, mais que uma manifestação física, é mostrado como um espaço de refúgio e reparação emocional, sugerindo que o sexo sustenta os afetos e neutraliza os “fatores externos”, que podem ser compreendidos como as tensões emocionais, as diferenças individuais e as questões raciais.

Ambos eram negros, o que, para Henrique, representava algo positivo. No entanto, é apresentada uma contraposição entre as opiniões acerca das questões raciais. O narrador explica essa diferença ao afirmar:

Acontece que minha mãe foi criada numa família de pessoas não negras, o que a fez ter outra visão sobre o racismo; aliás, para ela o racismo se fortalecia justamente quando começávamos a falar sobre ele, que isso era uma coisa que já deveria ter sido superada. E falar sobre a cor da pele só fortalecia o preconceito (*Ibidem*, p. 75).

Nesse fragmento, percebe-se que, embora Martha reconheça a existência do racismo, sua criação familiar, em um ambiente com “pessoas não negras” moldou sua percepção sobre esse assunto. A falta do compartilhamento de experiências com outros negros faz com que Martha se distancie das dinâmicas estruturais de poder que sustentam a divisão de raças e, conseqüentemente, proporcionam a propagação de estereótipos contra o negro. Essa visão dificulta que ela perceba como o racismo age e como repercute em todas as fases da vida do homem e da mulher negra.

Esta situação limitava as discussões sobre raça, o que, para Henrique, era disfórico, visto que, para entrar em conjunção com o objeto valor aceitação e liberdade, era necessário discutir a base do problema, o racismo. No entanto, mesmo se tornando uma outra “ilha” dentro do próprio relacionamento, Henrique não se separou de Martha, pois, tinha medo de que, se a deixasse, ele cometesse algo contra a própria vida.

Com o nascimento de Pedro, a relação entre o casal piorou. Pedro relata que Martha “não permitia que você me pegasse no colo, porque ela dizia que era bem capaz de você derrubar o próprio filho no chão, você que não sabia nem trocar uma fralda” (*Ibidem*, p. 120). Além disso, as desconfianças de que Henrique estava traindo Martha aumentaram, e o sexo que, de certa forma, sustentava os afetos entre o casal, diminuiu, tornando-se também um dos motivos das desconfianças de Martha. Henrique, por sua vez, estava ciente de que não amava mais Martha e que não queria continuar o relacionamento. No entanto, Henrique não queria abandonar Pedro, pois também havia sofrido a ausência do pai, que o abandonou quando tinha apenas um ano de idade e, por isso, não queria que a história se repetisse com o filho.

Ancorado na sintaxe narrativa, entende-se que Henrique manipula a si mesmo, por meio da manipulação por tentação. Fiorin (2008, p. 30) explica que esse tipo de manipulação ocorre “quando o manipulador propõe ao manipulado uma recompensa, ou seja, um objeto de valor positivo, com a finalidade de levá-lo a fazer alguma coisa”. No caso de Henrique, ele propõe a si mesmo a recompensa de obter o afeto de Pedro, com o objetivo não só de manter a proximidade com o filho, mas também de transmitir a imagem de segurança física e emocional que Henrique não teve durante a infância. Dessa forma, Henrique é levado a querer continuar no relacionamento fracassado com Martha.

O narrador destaca o acontecimento que levou Henrique a sair de casa:

[...] minha mãe encontrou no seu bolso aquele panfleto amassado escrito “Gávea” e foi até a cozinha e pegou uma faca e te apontou dizendo que ia te matar, *seu filho da puta*, e eu comecei a chorar no berço. E não adiantou você dizer que ainda não tinha ido procurar as gatas mais quentes da cidade; então, para não ter que entrar numa luta corporal com minha mãe, você teve que se trancar no banheiro. E passou algum tempo ouvindo seus gritos e as batidas na porta. E você pôs as mãos nos ouvidos e tentou se controlar para não abrir aquela porta e fazer uma besteira. Você ficou por uma hora trancado lá dentro (*Ibidem*, p. 123, grifos do autor).

Este episódio apresenta o ambiente familiar marcado pela violência e pela instabilidade emocional, no qual essa relação se estrutura pela agressividade. Nesta passagem, é possível perceber que, ao encontrar o panfleto escrito “Gávea”, uma boate, Martha interpreta que Henrique descumpriu o acordo de ser leal e fiel a ela, que consistia em não manter contato com outra mulher. Diante disso, Martha, no papel de destinador/manipulador, toma posse da “faca”, que lhe atribui o “poder” de puni-lo por sua quebra de contrato. Ademais, a expressão “seu filho da puta” não apenas revela a indignação e raiva de Martha, como também uma tentativa de oprimi-lo e obrigá-lo a confessar sua quebra de acordo.

Henrique, embora fosse inocente das acusações, para não ser punido negativamente, se tranca no banheiro “por uma hora”. A marcação exata do tempo que Henrique permanece trancado revela a intensidade e a brutalidade da ação, que afloram seu medo e ansiedade, que o fazem com que ele coloque “as mãos nos ouvidos”.

Henrique adota um comportamento que remete a sua infância – “pôr as mãos nos ouvidos”, referente ao momento de quando o tio Zé Carlos atirou contra a própria esposa. Ao repetir essa ação, Henrique encontra uma maneira de não ser atingido diretamente pela violência. Essa atitude, tanto no passado quanto no presente, revela como a dor e o medo possuem o poder de infantilizá-lo, tomando o seu “querer-fazer” com a violência acabe. Essa atitude, em ambas as situações, representa como o ambiente não é seguro e que algo pequeno – um panfleto e um buraco no assoalho – pode se tornar grande.

Ao reviver os mesmos sentimentos do passado, que o colocam na posição de um “não-poder-fazer” com que a violência parasse, Henrique é tomado por um “não-querer” continuar o relacionamento. Com o rompimento da relação, Martha dificulta que ele tenha uma boa relação com o Pedro, impondo uma série de barreiras que os impedissem de ter contato. Diante disso, Henrique compreende que o sexo não sustenta os afetos e que, até dentro de uma relação entre pessoas da mesma raça, a

violência pode estar presente, sancionando-o e colocando-o na posição de inferioridade e incapacidade.

O último relacionamento amoroso de Henrique é com Elisa, uma mulher mestiça de cinquenta e cinco anos. Apesar das diferenças raciais, Henrique e Elisa compartilhavam alguns aspectos em comum, principalmente, o sentimento e a experiência com a dor. Henrique, sofreu com dores no estômago, provenientes da úlcera, enquanto Elisa lutou contra as dores da quimioterapia para tratar o câncer em um dos seios. Segundo Elisa, “*a dor te infantiliza porque te torna dependente dos outros, depende para as coisas básicas*” (*Ibidem*, p. 140). Diante disso, compreende-se que a dor não é algo que se limita ao físico, mas atinge também o emocional e o psicológico, o que, nesse caso, os aproxima, pois, ambos são forçados a reavaliar sua própria vulnerabilidade.

Nesse contexto, a dor não é uma sensação que apenas enfraquece, mas é um vínculo que os une, mostrando como a dor pode atravessar barreiras e criar laços afetivos profundos. Por fim, conclui-se que o sexo e a cor da pele não são elementos-base para sustentar os afetos, mas o compartilhamento de experiências físicas e emocionais pode construir laços fortes, que podem manifestar-se também no aspecto físico, sexo.

A violência, o preconceito e o racismo não se restringem às relações interpessoais, mas se estendem e se desenvolvem em diferentes estruturas sociais, refletindo-se, principalmente, nas instituições de poder, como no sistema policial. No subitem a seguir, analisa-se a construção da imagem do negro diante da abordagem policial.

4.1.2 O negro e a abordagem policial

Ao encaminhar a história para o fim, Pedro divide os primeiros capítulos da última parte do livro, intitulada “A barca”, em duas partes: o último ano de vida de Henrique, atuando como professor da EJA – Educação de Jovens e Adultos, em uma escola pública em Porto Alegre, e a trajetória de um policial que busca vingança pela morte do seu companheiro de trabalho. Embora sejam duas histórias distintas, elas se entrecruzam, transformando a narrativa de Henrique.

Segundo o narrador, todas as noites, o policial tem o mesmo pesadelo que o lembra às três e meia da madrugada para ir até a cozinha beber água. No entanto,

durante uma dessas idas, ele se espanta com barulhos vindos da área de serviços. Rapidamente, ele vai ao quarto e pega sua arma. Antes de retornar, ele observa sua esposa e seus filhos dormindo, porém, ao chegar na cozinha, não identifica nada fora do comum. Ao olhar para o prédio ao lado, ele observa homens negros invadindo o local. O policial busca uma maneira de conseguir atirar contra os homens, porém, se dá conta do real motivo do porquê estar ali – o barulho na área de serviços, e percebe que sua casa também está sendo invadida.

A tensão no policial aumenta, pois, além dos pesadelos, também precisa andar pelas ruas de Porto Alegre, procurando o assassino de seu colega de trabalho. Após uma manhã abordando possíveis suspeitos, Matos, o policial que dirigia a viatura, argumenta

[...] que merda isso, caralho. A gente ficar aqui procurando o filho da puta que matou o Maicon. Uma coisa que não dá pra entender, os caras que mais estão na cadeia são os pretos, a gente vai lá e vê que são a maioria. Aí vêm essas porras de direitos humanos pra nos quebrar. Essa gente não sabe o que a gente passa. Já se foram três semanas e ainda não achamos o cara (Ibidem, p. 175, grifos do autor).

As expressões “merda”, “caralho”, “filho da puta” e “porra” possuem uma grande e gradativa carga emocional e revelam a frustração e a indignação de Matos pela falta de progresso na investigação sobre o assassinato do colega. Para explicar sua raiva, Matos descreve a realidade na cadeia, local em que ele observa que a maioria dos presos são negros.

Matos também critica os Direitos Humanos, afirmando que eles não compreendem a realidade que “a gente passa”. Essa expressão pode ser referenciada aos policiais, que enfrentam constantemente a criminalidade das ruas, e paralelamente aos brancos que, além de comporem um grupo minoritário na prisão, para Matos, não possuem o mesmo poder e ligação que os negros têm com a criminalidade.

Ao afirmar que o objetivo dos Direitos Humanos é “nos quebrar”, Matos indica uma contradição de pensamentos. As organizações dos Direitos Humanos buscam garantir a dignidade, a liberdade e a proteção para todas as pessoas, enquanto ele, como policial, vê isso como um obstáculo, pois, associado à sua observação de que a maioria dos presos são negros, esta organização apenas protege pessoas ligadas à criminalidade.

A raiva e a indignação provocadas por essa situação influenciam não só o comportamento de Matos e de outros policiais, que buscam, preferencialmente, abordar e revistar negros, seguindo um estereótipo criado pela sociedade, mas, também, afeta o estado emocional e psicológico, detalhe este que justifica os pesadelos frequentes do policial.

Henrique, por sua vez, enfrentava diversos desafios na escola, porém, ele era dotado de um “querer-fazer” para que os alunos se interessassem pela matéria. Certo dia, Henrique observou um grupo de alunos, composto em sua maioria por negros, comentando que “*fulano matou não sei quem e agora o sicrano vai mandar bala no fulano*” (*Ibidem*, p. 164). A fim de salvá-los da violência através do conhecimento, Henrique lhes apresenta alguns trechos do livro “Crime e Castigo”, de Dostoiévski, que narra a história de Raskolnikov, um ex-estudante que depende de uma velha agiota para sobreviver. Sentindo-se superior e entendendo que a senhora merecia a morte, Raskolnikov planeja e mata a senhora e a irmã mais nova.

Ao fim de uma aula, depois da discussão e da leitura do livro de Dostoiévski, Henrique é parado por Peterson, um aluno negro que, segundo o narrador, estava na escola por um milagre, pois “morava com dois irmãos, os pais morreram e quem sustentava a casa era o mais velho” (*Ibidem*, p. 168) e que, mesmo tendo dezessete anos, “não conseguia emprego porque tinha que se alistar no Exército” (*Idem*). O garoto quis saber mais sobre a história de Raskolnikov e elogiou o professor pela sua boa aula.

Henrique reconhece que “deu uma de suas melhores aulas dos últimos tempos” (*Ibidem*, p. 172) e que passou a querer apresentar outros autores para seus alunos, como Kafka, Cervantes, Virginia Woolf, entre outros. O narrador expõe que aquilo estava salvando-o do abismo (*Ibidem*, p. 170) e, por meio disso, compreende-se que Henrique estava entrando em conjunção com os objeto-valor: a liberdade, que consiste em si expressar abertamente sem medo da punição negativa do outro, bem como, para o personagem, a aceitação e o reconhecimento dos alunos. Esse objeto-valor não se restringia a sua classe social ou raça, mas estava conseguindo reconhecimento pelo próprio mérito.

No entanto, ao sair da escola, Henrique não percebeu a aproximação da viatura e, mesmo com as ordens para parar, ele as ignorou. Para Henrique

[...] já não fazia diferença, porque daquela vez eles não iam estragar tudo. Vocês tinham de estar lá. Vocês tinham que ver a cara deles quando comecei

a ler, vocês tinham que ver o silêncio deles, vocês tinham que vê-los prestando atenção. Vocês tinham de conhecer o Peterson, tinham de ouvir o que ele tinha para dizer sobre o livro (Ibidem, p. 176, grifos do autor).

Na primeira sentença, o verbo “iam”, e outros no imperfeito do indicativo, nesse contexto, indicam que a sanção negativa por parte dos policiais já havia acontecido em outros momentos da vida de Henrique, pois, ele não possuía o “poder-fazer” ser aceito. No entanto, nas suas aulas, Henrique percebe que tem o “querer-fazer” e o saber-fazer, este figurativizado pela leitura do livro “Crime e Castigo”. Isso reforça que o conhecimento, neste caso, advindo da literatura, é uma arma para compreender a realidade e combater o preconceito, sendo-o considerado um objeto que garante o saber-fazer entrar em conjunção com o objeto-valor. Em outras palavras, Henrique entende que o conhecimento lhe dá o saber para mudar não só a sua, mas também outras narrativas.

O narrador delega a voz ao interlocutor (Henrique), que repete a expressão “vocês tinham”. O pronome “vocês”, no plural, não se refere apenas aos policiais, com quem Henrique estava dialogando. Esse termo constitui uma generalização, como se Henrique estivesse falando da importância e da urgência de os brancos estarem presentes no momento em que ele foi reconhecido e aceito por seus alunos. Com isso, Henrique aponta que não era um acontecimento que se limitava a uma experiência individual, mas a uma validação coletiva, e ele não representava os estereótipos que lhes atribuíam. O emprego do verbo “ter”, no pretérito imperfeito do indicativo, reforça o “dever” de as pessoas estarem presentes naquele momento primordial.

Os policiais continuaram ordenando que Henrique parasse, porém, ao fazer o movimento para pegar algo na bolsa, ele foi alvejado com tiros. O narrador relata que

O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte. O segundo foi no peito, dilacerante, uma dor difícil, não tão forte como as outras dores que tocaram seu corpo, mais ainda uma dor difícil. O terceiro foi dado por ele, pelo policial que vinha tendo pesadelos com homens negros invadindo a sua casa. Um tiro certo na cabeça. Os outros vieram simultaneamente. E a última imagem que você viu, foi a lua-gema-de-ovo-no-copo-azul-lá-do-céu (Ibidem, p. 177).

Este trecho descreve, de forma vívida e detalhada, como o personagem sente cada tiro, explorando tanto a dor física quanto a emocional. A dor do primeiro tiro, que atinge o ombro, é associada à dor de uma forte pedrada. Essa descrição pode ser relacionada à infância de Henrique, caso ele escolhesse adotar o “poder-fazer”,

revidando contra os garotos que tomaram a bola dele sob a ameaça de “levar uma pedrada na cabeça” (*Ibidem*, p. 95).

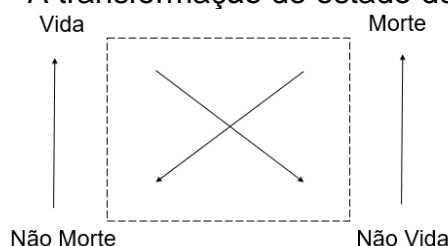
A dor do segundo tiro, que atinge o peito, é qualificada como dilacerante, uma dor “difícil”. Essa sensação pode ser comparada às dores provocadas pelas professoras na creche, que prenderam os dedos do garoto na porta, ou a úlcera. Henrique não esperava sentir essas dores tão intensas que marcaram sua memória, porém, ao ser submetido a elas, releva sua capacidade de lidar com o sofrimento e sua resistência à dor.

O terceiro tiro atinge a cabeça de Henrique. Ao evidenciar que esse tiro partiu exatamente do policial que estava tendo pesadelos constantes, o narrador reafirma o poder que o racismo estrutural tem. O policial, em questão, pune negativamente Henrique não por medo ou por ser uma forma de defesa, mas por uma vontade de excluir e exterminar uma raça, sendo considerada uma manifestação do sentimento de raiva e ódio que o policial sente pelos negros. Tem caráter fortemente passional, com ênfase na cólera e no ódio. Esse gesto enquadra-se no que Barros chama de intolerância. Para a autora,

os discursos intolerantes consideram o “diferente” como o que rompe pactos e acordos sociais, por não ser humano, por ser contrário à natureza, doente e sem ética ou estética, e que, por isso mesmo, é temido, odiado, sancionado negativamente e punido (Barros, 2016, p. 7).

O que é diferente está principalmente na cor da pele e no jeito de ser do negro, o que, do ponto de vista da branquitude, ofende o policial, a sociedade comandada por brancos. O policial, que representa um aparelho ideológico do estado, é dotado de um “poder-fazer”, que é figurativizado pela vestimenta, pela “arma”, e essa condição lhe dá a pretensa legitimidade para sancionar negativamente Henrique, que entra em disjunção com a vida. O plano de conteúdo, e especialmente no nível fundamental, pode ser compreendido pela oposição semântica /vida/ *versus* /morte/, como apresentado no quadrado semiótico a seguir.

Quadro 4 – A transformação de estado de Henrique



Fonte: Adaptada de Floch, 2001, p. 20.

A morte de Henrique impactou profundamente a vida de seu filho, Pedro, que recria e relata a história do pai. Pedro afirma que recriou a história de Henrique como uma tentativa de “arrancar a tua ausência do meu corpo e transformá-la em vida” (*Ibidem*, p. 183). Observa-se que Pedro sofria com a ausência física e emocional do pai, que havia sido levado a “dever” sair de casa quando o menino ainda não havia completado um ano.

Com o fim do relacionamento com Martha, Henrique passava semanas sem procurar Pedro, para não causar nenhum incômodo à mãe, que dificultava o contato entre eles. Além disso, Henrique sempre apresentou assuntos muito complexos para Pedro, como, por exemplo, o racismo. No entanto, o menino não os compreendia da maneira como o pai desejava. Pedro relata que, em alguns momentos,

[...] você ia me buscar e queria apenas brincar de correr, de jogar bola, mas na maioria das vezes você me levava para uma livraria ou biblioteca. E era bom no início, porque eu gostava de estar com você de qualquer modo, e às vezes você me trazia um livro, admirado com alguma frase, e eu fazia esforço para mostrar interesse. E então, de repente, você se voltava para o livro e esquecia de mim. E por vezes eu sentia inveja daqueles livros todos, que você lia com tanta atenção (*Ibidem*, p. 125).

Essa passagem apresenta uma reflexão profunda sobre o afeto entre Henrique e Pedro. O verbo “queria”, no pretérito imperfeito do indicativo, revela um desejo de Pedro que, na infância, associava à construção do afeto por meio das figuras “brincar de correr” e “jogar bola”, ações que o fariam entrar em conjunção com os objetos-valor como a alegria e, principalmente, o afeto do pai.

Em contrapartida, Henrique levava-o a lugares, como a livraria e a biblioteca, ambientes em que Pedro não poderia exercer o seu querer. Assim, para Henrique, o afeto é construído por meio do conhecimento, figurativizado pelo “livro”, já que Pedro passaria a compreender a si mesmo e como a sociedade está estruturada. Ao perceber a admiração que Henrique tinha pelos livros, Pedro manipula a si mesmo, através da tentação: caso demonstrasse interesse pelos mesmos livros, ele acreditava que poderia conquistar a atenção e o afeto de Henrique. No entanto, Henrique “se voltava para o livro”.

A expressão “se voltava para o livro” simboliza o abandono emocional de Henrique para com Pedro, que resultou na falta de atenção e de afeto, por isso, Pedro sentia-se rejeitado e, como ele mesmo aponta, tinha “inveja daqueles livros”. Esse

relato comprova que, mesmo presente fisicamente, Henrique se afastava emocionalmente, tornando-se ausente para o filho.

Pedro explica: “por isso, sigo recontando a tua vida, que também é um pouco da minha. Investiguei os teus afetos através dos meus” (*Ibidem*, p. 184). Neste enunciado, Pedro justifica o motivo de narrar a história do pai, que corresponde tanto a ausência do pai quanto a influência que este teve na formação de sua identidade. Isso é percebido quando o Pedro faz uma relação entre sua vida, “pouco da minha”, e a história de Henrique, “recontando a tua vida”, revelando que os dois estão conectados e que compartilham não só as experiências decorrentes da cor da pele, mas também a ausência dos afetos paternos, visto que ambos foram abandonados por seus pais ainda na infância. Ao investigar os afetos de Henrique por meio dos seus, Pedro toma por base sua própria subjetividade e suas emoções para compreender os afetos do pai.

No apartamento de Henrique, Pedro buscava encontrar nos objetos algum tipo de afeto, que revelasse mais sobre o pai e lhe trouxesse a sensação de presença. Entre estes objetos, Pedro encontra atrás da porta “um alguidar de argila alaranjada. E, dentro dele, uma pedra, um ocutá, enrolada em guias de cores vermelhas, verdes e brancas, um orixá” (*Ibidem*, p. 14). Pedro estava diante do Ogum⁸ de Henrique.

Percebe-se que Ogum é um elemento simbólico na narrativa de Henrique e Pedro. Henrique é representado como um homem que encarna os princípios de Ogum como, por exemplo, a força, a coragem e a persistência, pois ele enfrenta inúmeras barreiras – preconceito, racismo, violência – porém, nunca desistiu de lutar pela liberdade e aceitação do povo negro na sociedade.

Ao narrar: “tenho Ogum em minhas mãos porque agora é a minha vez” (*Ibidem*, p. 188), Pedro reconhece que a energia de Ogum e o espírito dos ancestrais não estão só em Henrique, mas que também pertencem e estão nele. Isso reforça a ideia de que os ensinamentos, a cultura e a resistência do negro não desvanecem, mas compõem a estrutura da identidade do negro que é transmitida no tempo. Além disso, essa sentença também indica uma maturidade de Pedro que, ao reconhecer a luta do negro, assume o papel de guerreiro, adotando o querer, o poder e o saber fazer com

⁸ Ogum, segundo Prandi (2019), é um dos orixás mais antigos do povo africano, sendo cultuado, principalmente, pelos povos iorubás. Ele simboliza a força e a guerra, proporcionando o necessário às pessoas que enfrentam as suas dificuldades do dia a dia. Ogum é uma entidade ancestral que mantém viva a herança espiritual e cultural dos povos africanos.

o povo negro entre em conjunção com os objetos-valor liberdade e aceitação na sociedade.

A obra “O Averso da Pele” é uma narrativa que explora as temáticas do racismo, do preconceito e da violência a partir das relações interpessoais do personagem Henrique, professor negro assassinado na periferia de Porto Alegre. A narrativa aponta como a violência não ocorre de forma isolada, mas como fruto do racismo estrutural e do preconceito que assolam a comunidade negra, materializados como práticas de discursos intolerantes.

Ancorado na semântica discursiva, esses temas abordados na obra recebem investimentos figurativos, que dão efeito de concretude ao texto. Aos temas são atribuídos traços de revestimento sensorial (Barros, 2005, p. 69), que permite que o leitor perceba como as marcas do preconceito, do racismo e até da intolerância atravessam e influenciam a identidade do negro. A seguir, apresenta-se um quadro que demonstra como alguns temas e figuras estão distribuídas na obra.

Quadro 5 – A construção da Identidade do Negro

Tema geral	Tema Específico	Figura
Racismo	Exclusão do negro e a violência verbal/psicológica	“Neginhas de merda” (p. 95)
Violência	Símbolo da opressão e o poder de sancionar negativamente	Arma
	O desespero e a vulnerabilidade do negro diante da violência	Fechar os olhos, pôr as mãos nos ouvidos, ficar gritando, agachar num canto como se fosse uma criança.
	Violência física e a vulnerabilidade do negro	Pedra, pedaço de pau, pedrada na cabeça.
	Resistência à dor (gerada pela violência física).	Choro, dor de cabeça, dente mole.
	Violência policial gerada pelo racismo	Tiro, ombro, pedrada forte, peito, cabeça.
Violência Preconceito	Generalização e a associação do negro com as práticas ilícitas como justificativa para a violência.	Socos, chutes, cabeça, barriga, rosto, sangue
Preconceito	Generalização do negro e a prática ilícita do roubo	Casal de negros, roubo
	A desvalorização do negro em relação ao branco	Branquinha, neguinho, branca, negro
	Estereótipos que reforçam a resistência e as habilidades de negro.	Resistente à dor, a pele negra custa a envelhecer, gostar de pagode, jogar bem futebol, saber sambar, bons no atletismo, ruins nadadores.
	A desvalorização do negro sobre os seus próprios traços físicos	Clarinho, cabelo bom, traços finos.

Fonte: Elaborado pela autora a partir da análise da obra

O quadro acima apresenta como a violência, o preconceito e o racismo estão entrelaçados na construção da identidade do negro, manifestados por meio das

relações de poder que se desenvolvem em diferentes fases e momentos da narrativa, como na infância, no trabalho, nas relações afetivas e na abordagem policial. Ao longo da narrativa, é possível observar que a imagem do negro está constantemente associada à criminalidade e a estereótipos relacionados às características físicas e culturais do negro.

O racismo e o preconceito têm um grande impacto na construção da identidade do negro, pois moldam a forma como ele é percebido na sociedade, como ser marginalizado e desumanizado. Assim, a identidade do negro é marcada pela dor, pela violência, pela resistência e também pela luta incessante contra um sistema que exclui esse sujeito. A práxis enunciativa que circunscreve a construção da identidade do negro na obra evoca essas temáticas que estão a todo momento construindo o imaginário social, ratificado pelo sistema, mas também potencializa mudanças em nível do próprio sistema, ao trazer axiologizações que se remetem à resistência do negro e a suas contribuições para a desconstrução das estruturas de opressão, afirmando sua identidade e a força transformadora para reescrever o futuro, reivindicando o espaço, a dignidade, a liberdade e o reconhecimento que lhe foram negados.

No item a seguir, apresentamos os resultados alcançados nesta pesquisa, destacando como o racismo, o preconceito e a violência são percebidos na narrativa por meio do percurso gerativo de sentido, proposto pela semiótica discursiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar a construção da identidade do negro no livro “O Averso da pele”, de Jeferson Tenório, à luz da Semiótica Discursiva Francesa. Com base nos análises realizadas, é possível afirmar que o propósito da pesquisa foi alcançado.

Observou-se que os traços identitários do negro são marcados por uma complexa construção, alinhada ao percurso temático, que aborda os temas principais sobre racismo, preconceito e violência, que são revestidos pelo percurso figurativo, presente em toda a obra. Por meio desses temas, a imagem do negro é marcada pela vulnerabilidade física e social, pela opressão e pelos estereótipos, que justificam a sua negação na sociedade. Através desses valores sociais, a obra revela como esses temas interferem na construção da identidade do negro, associando-o à violência e a criminalidade. Esses valores ideológicos sustentam a ideia de que o negro é inferior e subordinado ao branco. Além disso, a obra sugere que esses valores não são imutáveis, indicando que há espaço para um rompimento e uma reconstrução da identidade negra, por meio do conhecimento, reforçando a resistência e a luta do negro por espaço na sociedade.

Dentre os principais resultados, destaca-se que a obra “O Averso da pele” apresenta marcas do preconceito e do racismo em diversas esferas, como o ambiente familiar, os relacionamentos amorosos e a abordagem policial. Tendo por base as oposições semânticas fundamentais, percebe-se que essas temáticas são representadas pelos pares /opressão/ *versus* /liberdade/, /identidade/ *versus* /alteridade/, /negritude/ *versus* /branquitude/ e /inferioridade/ *versus* /superioridade/.

A identidade do negro é construída pelo que o outro (a alteridade) projeta e determina em relação ao negro. Ela está construída a partir de um formante cromático exterior – a cor negra – e não ao que lhe é interior ou que está no avesso da pele – os afetos, as emoções e os valores. Essa forma de perceber o negro revela a posição que a sociedade tem em relação a ele, uma vez que a sanção negativa é justificada pelo elemento tangível e visível – a cor da pele. Para tanto, a sociedade, que é marcada e influenciada pela visão do branco, utiliza estratégias de naturalização das condições do negro, criando uma imagem generalizada, estereotipada e intolerante, a fim de ratificar a forma de ver, sentir e axiologizar o negro.

O negro é considerado semioticamente como um sujeito virtual, pois é modalizado pelo “querer” e pelo “dever”, encontrando-se em disjunção com os objetos-valores de liberdade e aceitação na sociedade. A narrativa apresenta a luta do negro pela busca por objetos que possuem valores eufóricos. Na ótica do branco, o negro é um sujeito inferior que rompe com os valores sociais e, por isso, enfrenta dificuldades para se tornar um sujeito atualizado, dotado de um “poder” e “saber”, para que finalmente consiga ser um sujeito realizado, que “faz” e entra em conjunção com os objetos-valores.

Assim se percebe que a obra “O Averso da pele”, ao mesmo tempo que apresenta as marcas da violência física e psicológica que, por vezes, envolvem o racismo, o preconceito e a intolerância, também suscita duas reflexões: a primeira acerca do ódio e da intolerância que imperam numa sociedade dominada pela visão da branquitude e, a segunda sobre a força e a resistência do negro, que luta pela liberdade e aceitação na sociedade, sendo justificada pela ancestralidade e pelo aspecto cultural.

Estes resultados levam a contribuições teóricas e sociais. No que tange às contribuições teóricas, a pesquisa ampliou a compreensão e a discussão sobre a construção da identidade do negro por meio de uma obra da literatura afrobrasileira contemporânea – “O Averso da pele” – em diálogo com a Semiótica Discursiva Francesa, apresentando como o Percurso Gerativo de Sentido é uma ferramenta eficaz para a construção, produção e apreensão de sentido em uma narrativa. A respeito das contribuições sociais, a pesquisa promove o debate sobre temáticas que imperam na construção da identidade do negro, como o racismo, o preconceito, a violência e a ancestralidade. Ademais, este trabalho pode servir como fonte para outros pesquisadores que buscam aprofundar estudos que entrecruzam a literatura e a semiótica e outras áreas das ciências humanas e sociais.

Uma das limitações desta pesquisa está na amplitude temática da obra “O Averso da pele”, de Jeferson Tenório. Por ser uma obra rica em temáticas, como o racismo, o preconceito e a violência, a análise focou especificamente em como esses temas influenciam na construção do homem negro, sem aprofundar em outras questões relevantes, como a narrativa na perspectiva da mulher negra e como esses temas se apresentam e afetam sua identidade em oposição ao homem negro. Assim, pesquisas futuras podem expandir essa discussão, explorando outros aspectos da narrativa.

Assim este estudo não tem a pretensão de ser uma análise fechada nem se propõe a exaurir todos os meandros e nuances que o *corpus* suscita, mas se projeta a trazer para a cena enunciativa uma reflexão acerca da identidade do negro, das discursivizações evocadas pela práxis enunciativa a que está inscrita a obra, diante da complexidade do objeto e da necessidade de sempre se pautar não só a discriminação contra o negro, mas a resistência deste ao longo da história e, especialmente, na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: José Luiz Fiorin (org.). **Introdução à linguística II**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2019, p. 187-219.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. Editora Ática, São Paulo. 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. São Paulo, Humanitas, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 58, n. 1, p. 7–24, 2016. DOI: 10.20396/cel.v58i1.8646151. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646151>. Acesso em: 6 fev. 2025.

CARNEIRO, Mariana. Após censura, vendas de ‘O Averso da Pele’ crescem mais de 6.000%. **Veja**. 15 mar 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/apos-censura-vendas-de-o-avesso-da-pele-crescem-mais-de-6000/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. Trad.: Plataforma Gueto. Link de acesso: <https://joaocamillopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/08/davis-angela-mulher-raca-e-classe-cap-11-p-116.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2024.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Assoalho. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/assoalho/>. Acesso em: 1 jan. 2025.

DISCINI, Norma. **O estilo nos textos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística-II**: princípios de análise. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Modalização**: da língua ao discurso Alfa, São Paulo, 44:171-192, 2000.

FIORIN, José Luiz. **A noção de texto na semiótica**. Organon, v. 9, n. 23, 1995.

FLOCH, Jean-Marie. Alguns Conceitos Fundamentais em Semiótica Geral. In: FLOCH, Jean-Marie. **Documentos de estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas**. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001, p. 9 – 29.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 6. ed. São Paulo. Atlas, 2021.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GREIMAS, Algirdas. Julien; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2020.

LANDOWSKI, E. Modos de presença do visível. In OLIVEIRA, A.C. de (org.), **Semiótica plástica**. São Paulo, Hacker Editores, 2004, p.97-112.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**: Ensaio de sociossemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

Leia trechos de 'O Averso da pele' que geraram processos e acusações de censura. **O tempo**. 18 mar 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/leia-trechos-de-o-avesso-da-pele-que-geraram-protestos-e-acusacoes-de-censura-1.3350638>. Acesso em: 30 mai. 2024.

LIBNI, Thais. 'O Averso da Pele': livro censurado retorna às bibliotecas de escolas públicas de MS. **G1**. 24 abr. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2024/04/24/o-avesso-da-pele-livro-sobre-racismo-e-violencia-retorna-as-bibliotecas-de-escolas-publicas-de-ms.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2024.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; "Preconceito", p. 405-444. **Psicologia social**: temas e teorias / organizado por Ana Raquel Rosas Torres [et al]. – 3. ed. - São Paulo: Blucher, 2023.

LIVRO sobre racismo volta às escolas após ser censurado; relembre polêmica. **Splash**, São Paulo, 07 abr. 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/04/07/livro-sobre-racismo-volta-a-escolas-apos-ser-censurado-relembre-polemica.htm>. Acesso em: 25 abr. 2024.

MACHADO, Sátira. **Quem foi Oliveira Silveira?** Matinal. 2021. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/nossos-mortos/quem-foi-oliveira-silveira/>. Acesso em: 16 jan. 2025.

Manifesto dos professores de Literatura da UFRRJ contra a censura do livro “O avesso da pele”, de Jeferson Tenório. **Portal UFRRJ**, Rio de Janeiro, 18 mar 2024. Disponível em: <https://portal.ufrj.br/manifesto-dos-professores-de-literatura-da-ufrj-contra-a-censura-do-livro-o-avesso-da-pele-de-jeferson-tenorio/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MOREIRA, Éric. O Averso da pele: conheça o livro que foi censurado no RS. **AH Aventuras na História**. Publicado em 06 mar 2024. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-avesso-da-pele-conheca-o-livro-que-foi-censurado-no-rs.phtml>. Acesso em: 25 abr. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. Revista de Antropofagia, vol. 33, p. 109-117, dez/1990.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisas em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PRANDI, Reginaldo. **Ogum**: caçador, agricultor, ferreiro, trabalhador, guerreiro e rei. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

POPULAÇÃO que se declara preta sobe para 10,6% em 2022, diz IBGE. **G1**. 16 jun 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/06/16/populacao-que-se-declara-preta-sobe-para-106percent-em-2022-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 14 fev. 2024.

Portal Diáspora. Diretora critica livro “O Averso da Pele” alegando “vocabulários de baixo nível”. **YouTube**. 7 mar 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ghMrITF9Wgw>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SARAIVA, José Américo Bezerra. Base Teórica. In: SARAIVA, José Américo Bezerra; LEITE, Ricardo Lopes. **Exercícios de semiótica discursiva**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017, p. 11 – 71.

SILVA JUNIOR, Mário Sérgio Teodoro da. **Estilo e ethos na Disney**: transformações da identidade. Revista do Gel, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 288-308, 2017.

SOUSA, Raimundo Isídio de. **A prática da interação no Facebook e a construção de simulacros sobre o idoso**: questões semióticas. 2023. 301 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020, 192 p.